

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

IVAN GAMBUS FARIA

**DAS COMUNIDADES INTELECTUAIS AO MARXISMO BRASILEIRO: UM
ESTUDO EMPÍRICO SOBRE A INTERLOCUÇÃO DE MARX EM PERIÓDICOS DE
ECONOMIA.**

Monografia apresentada à disciplina Trabalho de fim de curso como requisito parcial para a conclusão do curso de Ciências Econômicas, Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Marco Antonio Ribas Cavalieri.

CURITIBA

2013

TERMO DE APROVAÇÃO

IVAN GAMBUS FARIA

DAS COMUNIDADES INTELECTUAIS AO MARXISMO BRASILEIRO: UM ESTUDO EMPÍRICO SOBRE A INTERLOCUÇÃO DE MARX EM PERIÓDICOS DE ECONOMIA.

Trabalho de conclusão de curso aprovado como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Ciências Econômicas, Setor de Ciências Sociais Aplicadas da pela Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:

Orientador



Prof. Dr. Marco Antonio Ribas Cavaliere
Departamento de Economia, UFPR



Prof. Dr. Fabiano Dalto
Departamento de Economia UFPR



Prof. Dayani Aquino
Departamento de Economia UFPR

Curitiba, 16 de Dezembro de 2013.

Em primeiro lugar, dedico este trabalho ao grupo PET Economia, minha modesta comunidade intelectual, cuja existência e fomento foi imprescindível para a realização desta monografia. Em especial, pelos diversos momentos inesquecíveis que a vivência neste grupo proporcionou.

Desta forma agradeço enormemente a todos aqueles que contribuíram e continuam contribuindo para a existência deste grupo tão inspirador e fraternal, sejam eles Petianos, Ex-Petianos e até mesmo Professores que sempre encaram com bons olhos nossas iniciativas.

Em especial, sou eternamente grato ao meu orientador Marco Cavaliere, inclusive ex petiano, pela sua incomensurável paciência, dedicação, disposição e rigor.

Também tenho muito ao que ser grato a Fabiano Dalto, tutor do grupo PET Economia, por sempre motivar, em um ambiente propício para o desenvolvimento da pesquisa, o pensamento crítico.

Como não poderia deixar de ser, agradeço imensamente à Julia, minha companheira em gênero e alma, por todo seu apoio durante a realização deste trabalho.

Por fim, mas de forma alguma menos importante, agradeço e também dedico todo este trabalho à Tereza Cristina, uma humilde professora de história, cuja importância é tamanha que não existem palavras para ilustrar e agradecer tudo que uma mãe oferece a um filho.

"We find ourselves stultified by the legacy of a market-economy which bequeathed us oversimplified views of the function and role of the economic system in society. If the crisis is to be overcome, we must recapture a more realistic vision of the human world and shape our common purpose in the light of that recognition."

Karl Polanyi

RESUMO

Este trabalho consiste em um estudo empírico sobre a utilização de Marx em periódicos brasileiros especializados em economia. Nossa pesquisa se motivou pela ausência de estudos sobre o assunto, até mesmo na literatura de ponta sobre história do pensamento econômico brasileiro. Desta forma, nossa investigação se desenvolveu em duas frentes. A primeira delas foi a utilização de critérios bibliométricos para o desenvolvimento de um banco de dados, com o intuito de delimitarmos o uso de Marx nos periódicos brasileiros de economia. Isto se deu através da realização de uma bibliometria manual de títulos em 7556 artigos de 17 periódicos especializados em economia no período de 1990 a 2010. Isso nos forneceu a informação de que 112 artigos faziam uso explícito de Marx em seu conteúdo, de modo que foi possível coletá-los e construir um banco de dados. Como forma de avaliar o conteúdo encontrado, aliamos critérios bibliométricos à abordagem das comunidades científicas, um novo aparato analítico em história do pensamento econômico consolidado recentemente em âmbito internacional. Isso nos possibilitou selecionar os trabalhos de teor mais pertinente. Disto, partiu-se para a leitura de 33 artigos com o intuito de investigar a existência de uma criatividade coletiva atrelada ao uso de Marx nos periódicos de economia. Constatou-se, todavia, que esta se fazia inexistente pela falta de componentes básicos, como a figura de um líder e de um mote intelectual, evidentes pelo caráter difuso do conteúdo analisado. Nestes trabalhos entre os integrantes do núcleo autoral (conjunto de analistas com o maior número de trabalhos que Marx era usado de forma explícita), a falta de uma criatividade coletiva está ligada à inexistência de citações diretas e colaborativas, no sentido de que se faz uso do trabalho de outro analista para propulsionar seu próprio. Por fim, fizemos uso de uma comparação histórica com a inserção do marxismo no pensamento econômico do pós guerra, como forma de enriquecer nossa apreciação dos resultados obtidos. Isto é, uma ilustração do que era identificado, pela literatura de história do pensamento econômico, como uma das primeiras contribuições de marxistas, em alguma medida, aos debates econômicos do pós-guerra em âmbito nacional. A motivação deste estudo reside, justamente, em uma inexistência de uma literatura especializada e atualizada em história do pensamento econômico sobre o pensamento marxista no Brasil após os anos setenta. Por conseqüência, gera-se a impressão errônea de que não existem analistas especialistas em Marx com contribuições consistentes sobre o tema. Nesse panorama, demonstramos, com esse trabalho, que há evidências de um ativismo acadêmico relacionado à Marx na economia, porém ele não é fruto, tampouco subsidia, um esforço coletivo.

Palavras-Chave: História do Pensamento Econômico brasileiro. Bibliometria. Marx. Comunidades intelectuais. Criatividade coletiva.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

GRÁFICO 1 - A LEI DE LOTKA: RELAÇÃO ENTRE AUTORES E ARTIGOS.....	p.42
--	------

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - ESTÁGIOS DO DESENVOLVIMENTO DE UM CÍRCULO COLABORATIVO.....	21
TABELA 2 - DISTRIBUIÇÃO AGREGADA POR REVISTAS.....	37
TABELA 3- AGREGADO COMPLETO DOS PERIÓDICOS.....	39
TABELA 4 - RELAÇÃO ENTRE N° DE AUTORES E N° DE ARTIGOS.....	41
TABELA 5 - O NÚCLEO AUTORAL E SUAS CARACTERÍSTICAS.....	44
TABELA 6 - DISTRIBUIÇÃO TEMÁTICA.....	47
TABELA 7 - DELIMITAÇÃO DOS CLUSTERS MAIS RELEVANTES.....	48
TABELA 8 - PUBLICAÇÕES SELECIONADAS NAS REVISTAS B1.....	71
TABELA 9 - PUBLICAÇÕES SELECIONADAS NAS REVISTAS B2.....	72
TABELA 10 - PUBLICAÇÕES SELECIONADAS NAS REVISTAS B3.....	73
TABELA 11 - PARTICIPAÇÃO DO NÚCLEO NOS QUALIS B1 E B3.....	75

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DAS COMUNIDADES INTELECTUAIS E DA CRIATIVIDADE COLETIVA	12
2.1 A ABORDAGEM DAS COMUNIDADES INTELECTUAIS.....	14
2.1.1 Taxonomia das comunidades intelectuais.....	15
2.1.2 A perspectiva da escola de pesquisa.....	15
2.1.3 Círculos Colaborativos.....	19
2.1.4 Redes Políticas.....	25
2.2 JUSTAPOSIÇÃO DE PERSPECTIVAS: AS TRÊS HIPÓTESES BÁSICAS SOBRE A COLABORAÇÃO INTELECTUAL.....	26
3 O PENSAMENTO SOCIALISTA: A GERAÇÃO DO MARXISMO DO PÓS-GUERRA	28
3.1 AUTORES E INSTITUIÇÕES.....	29
3.2 A INOCUIDADE DO PENSAMENTO SOCIALISTA.....	31
4 ESTUDO EMPÍRICO DA INTERLOCUÇÃO DE MARX EM PERIÓDICOS ESPECIALIZADOS EM ECONOMIA	34
4.1 MATERIAIS E MÉTODOS.....	35
4.2 ANÁLISE QUANTITATIVA.....	36
4.2.1 Distribuição das publicações.....	37
4.2.2 Distribuição autoral: o núcleo.....	41
4.3 ANÁLISE QUALITATIVA.....	48
4.3.1 Moeda.....	50
4.3.2 Valor.....	50
4.3.3 Conjunto.....	51
4.3.4 Síntese da análise qualitativa.....	51
4.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE O ARRANJO INTELECTUAL DOS INTERLOCUTORES DE MARX.....	53
5 CONCLUSÃO	59

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho consiste em um estudo empírico sobre o uso da teoria marxista em periódicos especializados em economia no período de 1990 a 2010. Apoiado em uma nova abordagem em História do Pensamento Econômico, buscamos compreender a configuração do conteúdo levantado empiricamente, através do uso manual de técnicas bibliométricas. Defendemos que a configuração encontrada, de dispersão e isolamento dos principais trabalhos que fazem uso explícito de Marx, é um alvitre da inexistência de uma criatividade coletiva. Isto é, da ausência tanto da figura de um líder intelectual, como de um objetivo maior norteador da produção, desenvolvida a partir de relações intelectuais de auxílio mútuo.

Como referencial teórico, fazemos uso da abordagem das comunidades intelectuais. Esta perspectiva consiste em uma nova abordagem difundida, dentro da história do pensamento econômico, principalmente, por um número especial de um dos periódicos mais respeitados nesta sub-área da economia (*History of Political Economy*). A característica destacada deste novo modo de se narrar a história do pensamento econômico é que uma boa parte do sucesso dos intelectuais estudados nessa disciplina está correlacionada com a atuação das comunidades intelectuais. Estes grupos, por sua vez, consistem no berço da colaboração intelectual, o fato gerador da criatividade coletiva, o novo objeto de estudo. Estes autores de destaque, classificados como gênios em abordagens que diminuem a relevância deste tipo de disposição intelectual, passam a ser interpretados como *líderes* intelectuais dentro de um contexto de colaboração.

Nem a liderança, nem o contexto no qual ela se desenvolve, contudo, sucedem de modo único na história. É justamente no retrato das variadas formas de manifestação destes fenômenos que consiste a riqueza da abordagem das comunidades intelectuais. Assim essa abordagem dispõem de diversos recursos analíticos. Dentre eles, faremos uso de um conjunto de hipóteses que indica a presença de fatores essenciais para a colaboração (presença e tipo de liderança e poder institucional) como principal guia na análise do material encontrado.

Assim identificar, através da utilização destas hipóteses como ponto de referência, a emergência, forma, características e a natureza de uma possível

comunidade intelectual de interlocutores brasileiros de Marx consiste no objetivo último deste trabalho. Como forma de ampliar e enriquecer a análise, também revisitamos a literatura, estritamente de HPE, disponível a respeito da influência do marxismo no pensamento econômico brasileiro a partir do pós guerra. Este levantamento corresponde ao outro objetivo, subsidiário e necessário, de fornecer precedentes históricos que auxiliem na compreensão do contexto contemporâneo da utilização de Marx de periódicos em economia.

Vale ressaltar o caráter inédito de nossa diligência, cuja originalidade germina de várias frentes: forma de abordar o tema e utilização de um referencial teórico consolidado recentemente em âmbito internacional - com pouco uso no Brasil. Sobretudo, a mescla entre o emprego de técnicas bibliométricas com esta nova perspectiva das comunidades intelectuais também consiste em uma análise ímpar. Nesse aspecto, vale frisar que análise estatística da publicação em periódicos, embasados na utilização de um banco de dados - principalmente de elaboração própria - é raramente presente nos trabalhos de HPE Brasileira.

Estes esforço está distribuído em três capítulos com os seguintes desígnios: (1) apresentar as hipóteses sobre a existência das comunidades científicas; (2) levantar elementos, à luz de nosso referencial teórico, sobre a configuração do pensamento econômico brasileiro marxista a partir do pós guerra; (3) apanhar dados empíricos, através de uma bibliometria realizada manualmente, sobre o uso de Marx nos periódicos de economia no período de 1990 a 2010.

2. A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DAS COMUNIDADES INTELLECTUAIS E A CRIATIVIDADE COLETIVA.

Tradicionalmente estudos de história do pensamento econômico não fogem de uma investigação cujo objeto de estudo consiste, basicamente, no resgate da visão de um autor, no qual busca-se sua essência. As análises destes tipo de investigações, por consequência, detêm-se em desvendar a individualidade de autores específicos. Ou seja, como as qualidades particulares de cada indivíduo contribuíram para o desabrochar de seu gênio. (FORGET & GOODWIN, 2011).

Existe, porém, uma nova abordagem em história do pensamento econômico, difundida principalmente através de um dos periódicos mais bem quistos no assunto, *History of Political Economy* (HOPE): o estudo da colaboração intelectual organizada a partir de comunidades intelectuais. Ela é sustentada por dois pilares: uma nova visão a respeito do fenômeno autoral, na qual a autoria é vista como resultado de um fenômeno social, e o estudo dos fatores sociológicos influentes na reprodução desta nova modalidade de conhecimento. Observemos, a seguir, como os organizadores desta nova empreitada intelectual da História do pensamento econômico a qualificam:

" Rather than focusing on the "genius" of the individual political economist and asking how that genius emerged from his early education, family circumstances, chance encounters, and so on—the biography of the political economist—we need to ask how individuals seek one another out to mutually create new ideas and new texts. We need to problematize the very concept of authorship and recognize that no text and no idea emerge from a single consciousness. How does an individual play into and transform a complex of formal and informal institutions to create a work that resonates with others at a particular time and place? Authorship is a social act. Groups, however, always require leaders, and what has become very clear from these case studies is that historians of economics have not developed a nuanced view of intellectual leadership" (FORGET & GOODWIN, 2011, p.21):

Desta forma, este tipo de análise foi capaz de subsidiar integralmente uma edição deste periódico, na qual todos os seus artigos repensam, em alguma medida, importantes personagens e modos de pensar na economia. O foco destas análises é o estudo da criatividade econômica, entendida como o produto da colaboração

intelectual, constituída por dois fatores fundamentais: a figura de um líder e a perseguição de um objetivo em comum.

Isto não consiste, no entanto, uma abordagem totalmente inédita dentro da História do Pensamento Econômico. Wesley Mitchell partilhava de uma concepção na qual o estudo da colaboração intelectual era extremamente relevante. Ao ministrar seu curso de História do Pensamento Econômico em Columbia, Mitchell já alertava seus pupilos a respeito da importância de se estudar fatores não convencionais. Mitchell os descreve como:

[...] the type of problems the man attacks, his way of formulating them, what materials he had to work with, the general method he employed, the things he took for granted without inquiry, the grounds for the confidence he felt in his results, what use he put these results to, their acceptance or rejection by his contemporaries and the reaction of his scientific work upon social progress. (MITCHELL, 1967, apud GOODWIN et al, 2008 p.50)

Por trás desta perspectiva residia sua crença no papel da HPE: "o de mover a ciência para frente" (*move science forward*) pela promoção da sensibilidade histórica em novos pesquisadores. (MITCHELL, 1967, apud GOODWIN et al, 2008, p.50)

Deste modo, um dos resultados da HPE pautada por Mitchell consistiria no maior acúmulo de conhecimento e na diminuição da especialização estreita. (MITCHELL, 1967, apud GOODWIN et al, 2008). Isto seria o produto de um ensino de HPE que centralizasse a transmissão de ideias na comunidade de economistas. Relegando, neste entendimento, o mero retrato de ideias a uma posição de menor importância.

Portanto, devido a proximidade entre os pontos levantados por Forget & Goodwin (2011) e a concepção de Mitchell sobre o papel da HPE, especialmente sobre seu ensino, entendemos ser fecundo e virtuoso - além de necessário - o estudo das comunidades intelectuais na história do pensamento econômico.

O objetivo desse tipo de estudo, por sua vez, não é comprometer todo o esforço individual. Pelo contrário, é qualifica-lo dentro de um novo contexto, no qual o fenômeno autoral é interpretado de maneira coletiva. Nesse panorama, analisam-se os fatores que fogem à completa intimidade do sujeito autônomo, produtor de conhecimento singular. Os gênios passam a ser qualificados como líderes, imersos em um contexto de colaboração, cujo fito intelectual é interpretado como produto da criatividade coletiva.

Assim, um dos principais desafios desta nova maneira de pensar consiste, precisamente, na identificação e qualificação das relações responsáveis pela construção das comunidades intelectuais, nas quais os indivíduos se engajam. Advêm deste exame, cujas ferramentas serão apresentadas na sequência, a compreensão da originalidade coletiva.

2.1. A ABORDAGEM DAS COMUNIDADES INTELECTUAIS

Agora, nosso objetivo é, através de uma revisão bibliográfica, levantar os principais instrumentos analíticos utilizados para se estudar a produção coletiva do conhecimento. Ou seja, a história, em última instância, de comunidades de intelectuais, os quais desenvolveram diferentes laços de colaboração, que, por sua vez, moldaram uma criatividade coletiva delimitada em um espaço, seja ele geográfico, ou cognitivo. Pois esta consiste, precisamente, uma maneira de descrever as características sociais do fenômeno autoral.

Todo o capítulo terá como guia mestre os esforços de sistematização contidos em um volume dedicado ao tema da célebre revista *History Of Political Economy* (2011, 43:1).

Após apresentar os diferentes tipos de estudo possíveis para as comunidades intelectuais, buscaremos sistematizar sua definição básica e as principais características relacionadas a essa definição. Este levantamento é realizado no sentido de se extrair critérios empíricos que possibilitem a identificação deste tipo de colaboração.

2.1.1. Taxonomia das comunidades intelectuais

Forget & Goodwin (2011) sugerem a existência de três tipos de comunidades científicas relevantes para a criatividade dos economistas, a saber: (1) "Escola de pesquisa" (*Research School*) (2) Círculos Colaborativos (*Collaborative*

Circles) e (3) Redes Políticas (*Policy Networks*). Ainda que bastante diferentes entre si, todas são úteis para estudar o impacto de uma criatividade coletiva, fruto de algum tipo de colaboração, para uma ciência como a economia.

A “Escola de Pesquisa” consiste, de forma resumida, em um grupo relativamente homogêneo de pessoas da mesma disciplina, as quais, por vezes, dividem o mesmo espaço físico ao longo do tempo. A relação entre os membros, que fazem uso de ferramentas analíticas semelhantes, é baseada em problemas em comum. Grupos importantes da história do pensamento econômico já foram estudados nessa perspectiva, dentre eles: a escola Keynesiana, a escola de Virgínia¹ de economia política e até mesmo a fisiocracia relacionada a Quesnay.

Círculos colaborativos descrevem um grupo mais amplo, o qual os participantes pertencem a diferentes disciplinas. A ligação entre os membros é feita a partir de laços de amizade e geográficos, os quais fogem da rigidez acadêmica. Não obstante, a interação realizada dentro do grupo influencia de maneira decisiva o trabalho de seus participantes em suas disciplinas. O exemplo ideal deste tipo de comunidade é o grupo de *Bloomsbury*² e sua influência excepcional nos trabalhos de Keynes.

Redes políticas estudam grupos formados por laços políticos e profissionais, criados dentro de órgãos governamentais ou de entidades políticas. Além de se estudar a colaboração intelectual, também é objeto de investigação entender como pensamentos originais superam as restrições as quais estes ambientes impunham.

Forget & Goodwin (2011, p.12) delimitam como fundamental, para um estudo apoiado nessa perspectiva, a identificação das característica-chave de cada tipo de interação. A proximidade de uma comunidade em relação a estas características-chave pode explicar o sucesso de uma comunidade intelectual, ou até mesmo seu fracasso.

¹ A escola de Virgínia de economia política está fortemente ligada ao que é reconhecido por a teoria da escolha pública (*public choice theory*). Os principais líderes intelectuais desta comunidade, estabelecida primeiramente no Instituto Thomas Jefferson na universidade de Virgínia, foram James Buchanan e Warren Nutter. Posteriormente outras figuras importantes surgiram do mesmo ambiente institucional como Ronald Coase e Gordon Tullock. Um dos principais estudos a respeito desta comunidade intelectual advém do trabalho de Steven Medema (2011): “*Public Choice and the notion of creative communities*”.

² O grupo *Bloomsbury* consistia em uma associação informal entre artistas e intelectuais que existiu durante a primeira metade do século 20 em Londres. Contemplava membros notáveis como Jhon Maynard Keynes, Roger Fry, E.M Forster e Virgínia e Leonard Woolf.

2.1.2. A perspectiva da escola de pesquisa

O conceito de "Escola de Pesquisa" surgiu a partir de estudos que tinham como objetivo investigar o sucesso científico de laboratórios de ciências naturais capazes de conduzir experimentos, especialmente em áreas como a física e a química. Este primeiro esforço sofreu várias atualizações, as quais renderam ao conceito de "Escola de pesquisa" um caráter mais amplo, tornando-o capaz de subsidiar estudos relevantes acerca da colaboração intelectual. (FORGET & GOODWIN, 2011)

O primeiro trabalho nesse sentido que merece destaque é o de J.B Morrel (1972), no qual ele se propôs a estudar o sucesso científico de dois laboratórios: o do grande químico Justus Von Liebig,³ em *Giessen*, Alemanha e o de Thomas Tonson⁴, outro químico, cuja atuação se dava na universidade de *Glasgow*, Escócia. Seu método consistiu na comparação de características organizacionais destes laboratórios. Como resultado de seus estudos, Morrel teorizou que uma "escola de pesquisa" exitosa⁵, no sentido de projeção na disciplina, contaria com três fatores fundamentais: (1) a figura de um líder, capaz de prover toda a infraestrutura necessária para a realização da pesquisa, por exemplo, as condições materiais para a continuidade da atividade profissional de seu pupilos; (2) contar com uma "reserva" (*pool*) de estudantes avançados capazes de levar a pesquisa adiante e, (3) produzir experimentos facilmente reproduzíveis, de modo que possam ser levados adiante por outros cientistas. A caracterização de Morrel (1972) representa, portanto, o embrião do estudo da colaboração intelectual a partir de comunidades científicas organizadas, de modo bastante hierarquizado, rígido, em laboratórios.

³ Morrel ressalta a importância do laboratório de Liebig por ser o primeiro laboratório estabelecido em uma universidade que criou as novas condições em que o conhecimento passaria a ser produzido. Sua principal característica era o caráter acadêmico das pesquisas, uma novidade, já que os poucos laboratórios que existiam da época eram direcionados aos interesses do setor privado. Outro fato de destaque é a participação ativa dos estudantes nos experimentos. Ele representa o símbolo do início de colaborações intelectuais bem sucedidas.

⁴ Thomas Thomson foi um químico e minerólogo escocês, disseminador da teoria atômica de Dalthon. Boa parte de sua fama e importância está relacionada à invenção do Silicene

⁵ Forget & Goodwin (2011) identificam o êxito de maneira ambígua, pode ser entendido tanto quanto a proximidade às características chave, como pela própria preponderância de um modo de se fazer ciência. Por exemplo, nas ciências naturais, o êxito está relacionado à descoberta de novos elementos pela organização em laboratórios.

Neste panorama, surgiram outros estudos a respeito das "Escolas de Pesquisa". É notável, na literatura, o trabalho de Gerald Geison (1981), no qual ele amplia a noção de "Escola de Pesquisa", uma vez que Morrel (1972) não se preocupou em definir rigorosamente a categoria. De acordo com Geison (1981, p.23), "Escolas de Pesquisa" podem ser definidas como:

a small group of mature scientists pursuing a reasonable coherent program of research side by side with advances students in the same institutional context and engaging in direct, continuous, social and intellectual interaction.

A definição deriva da natureza do estudo de Geison (1981) , cuja referência principal são as três características apresentadas por Morrel (1971), uma comparação das condições entre nove importantes laboratórios das ciências naturais que os levaram ao sucesso ou não.

A essência do estudo de Geison (1981, p.23) esta cristalizada na listagem, reproduzida na sequencia, das 14 características encontradas nas "escolas de pesquisa" exitosas.

1. Líder carismático;
2. Líder com reputação de pesquisa;
3. Ambiente informal e estilo de liderança;
4. Líder com poder institucional;
5. Coesão social, lealdade e espírito corporativo;
6. Programa de pesquisa objetivo;
7. Técnicas simples e facilmente executáveis de pesquisa experimental;
8. Exploração de novos campos de pesquisa;
9. Reserva de estudantes (novos recrutas);
10. Acesso ou controle de veículos de publicação;
11. Publicação de estudantes, individualmente;
12. Orientação e "colocação" de estudantes, em um número significativo, dentro do ramo acadêmico;
13. Institucionalização no ambiente acadêmico;
14. Apoio financeiro adequado;

Com base nestas características, Geison foi capaz de qualificar cada "escola de pesquisa" em três grupos: sucesso duradouro (*sustained success*), sucesso temporário (*temporary success*) e fracasso parcial ou relativo (*partial or relative*

failure). A variação entre esses grupos, assim como o critério de classificação, estavam relacionadas a presença, ou ausência das características listadas.

Ainda que estes sejam critérios empíricos bastante ricos, existe uma limitação relevante. Nem sempre a colaboração intelectual, como descrita por Geison, ocorre de forma direta dentro do mesmo ambiente institucional. (FORGET & GOODWIN, 2011)

Como forma de superar essas limitações, uma inovação importante surgiu em 1993 com o trabalho de A.J. Rocke, em que se criou a distinção entre comunidades institucionais e cognitivas. (FORGET & GOODWIN, 2011, p.13)

A primeira diz respeito a comunidades estudadas por Geison e Morrel, em que a colaboração é caracterizada por relações institucionais e geográficas bastante rígidas. Por outro lado, comunidades cognitivas são caracterizadas pela fraca atuação destes fatores, compensadas pela predominância de outros tipos de relações. Por exemplo, quando os indivíduos se engajam somente pelo próprio conteúdo de suas pesquisas e, mesmo assim, são capazes de fomentar uma interação intelectual contínua e prolífera.

Um estudo mais aprofundado destes outros tipos de relação, características das "escolas de pesquisa" cognitivas, foi realizado por Randall Collins (1994), em seu trabalho seminal intitulado "*The Sociology of Philosophies: a Global Theory of Intellectual Change*". Nesta obra monumental são trabalhadas as origens e evolução dos três principais tipos de filosofia: a grega, indiana e chinesa. Collins analisa tanto a realidade das colaborações institucionais, como também as de caráter cognitivo, as quais ele caracterizou como horizontais.

A respeito dessa análise, Goodwin & Forget (2011) destacam o argumento de Collins sobre a importância de fatores que vão além da organização hierárquica de "escolas de pesquisa":

The most notable philosophers are not organizational isolates but members of chains of teachers and students who are themselves known philosophers. and/or of circles of significant contemporary intellectuals. The most notable philosophers are likely to be students of other highly notable philosophers. In addition to this vertical organization of social networks across generations, creative intellectuals tend to belong to groups of intellectual peers, both circles of their lives and sometimes also of rivals and debaters. (COLLINS 1998, p.65, apud GOODWIN & FORGET et al, 2011, p.14)

Com relação aos critérios desenvolvidos por Geison, isto significa que, dependendo do tipo de "Escola de Pesquisa", algumas características serão mais relevantes do que outras para a determinação de seu sucesso. Os critérios de

Geison (1984), pois, devem ser flexibilizados, haja visto a possibilidade de que existam "escolas de pesquisa" que fogem à natureza vertical das relações que se desenvolvem dentro de um laboratório, por exemplo.

O ponto fundamental da distinção é que podemos observar "escolas de pesquisa" motivadas e sustentadas por relações de naturezas distintas. As de razão vertical, institucionais, tem sua importância maior relacionada aos fatores de localização geográfica e institucional, nos quais há uma grande assimetria entre os indivíduos, o caso clássico de mestres e aprendizes.

Ao passo que as relações horizontais também podem sustentar colaborações intelectuais do tipo "escola de pesquisa", porém sem ser motivada por este conjunto de fatores tradicionais, característicos das escolas institucionais (laços geográficos e rigidez institucional). Relações horizontais, no sentido de igualdade entre membros, também podem promover a criação de programas de pesquisa objetivos, por exemplo, através da relação entre os autores via o conteúdo em si, ou por parcerias intelectuais.

2.1.3. Círculos Colaborativos

A colaboração, no sentido horizontal conferido por Collins (1994) , também pode ocorrer completamente fora do ambiente universitário, e continuar sendo profundamente impactante. Michael P. Farrell (2001) oferece uma análise bastante detalhada do impacto destas interações intelectuais realizadas além do ambiente universitário. O traçou padrões de interação relacionados à evolução de um grupo imerso em um trabalho criativo, relacionados ao impacto dos trabalhos dos integrantes em duas disciplinas

Na terminologia de Farrell, essas relações são organizadas em torno de Círculos Colaborativos (*Collaborative Circles*). Os quais Farrell (2001, p.11) os define como:

A collaborative circle is primary a group consisting of peers who share similar occupational goals and who, through long periods of dialogue and collaboration **negotiate a common vision that guides their work. The vision** consists of a shared sets of assumptions about their discipline

including what constitutes good work, how to work, what subjects are worth working on, and how to think about them.

A partir dessa definição de círculos colaborativos, Farrell (2001) analisa diversos Círculos Colaborativos, após vinte anos de estudo, das mais variadas áreas do conhecimento, como artes, psicologia, literatura e poesia. Seu trabalho mostra como as diversas relações que se desenvolvem dentro destes círculos de colaboração contribuem para a construção da visão de um autor. Inclusive, Farrell descreve a importância destas organizações para o surgimento de inovações em disciplinas, inclusive a partir de grupos marginalizados, como por exemplo, os impressionistas franceses.

Contudo, Farrell (p. 2001, p.294) é enfático a respeito do caráter indutivo de seu trabalho, no sentido de "descrição de regularidades sem, necessariamente, consistir em relações de causalidade".

Uma das regularidades centrais das colaborações de sucesso são os estágios os quais ela atravessa. Trata-se de um total de seis estágios sucessivos divididos da seguinte forma: Formação (*Formation*), Rebelião (*Rebellion*), Missão/Trabalho criativo (*Quest/Creative Work*), Ação coletiva (*Collective Action*), Desintegração/Individualização (*Disintegration/Individuation*), Reencontro (*Reunion*) (Farrel, 2001, p.276). A Tabela 1 apresenta um resumo das micro-relações envolvidas na dinâmica de um círculo colaborativo.

Nos Círculos Colaborativos, durante todo o processo de colaboração os membros do grupo permanecem engajados no suporte, sugestão e autocrítica de ideias. Independente disso, o papel de liderança permanece determinante para o funcionamento de uma colaboração. Além disso, essa liderança possui diferentes funções que devem ser desempenhados em diferentes etapas da colaboração. Os papéis seriam *The Gatekeeper*, *The Charismatic Leader* e *The executive Manager*. Se estes papéis não forem cumpridos da maneira certa, nas circunstâncias corretas, toda a colaboração pode ser comprometida. (FARREL, 2001, p.295)

TABELA 1 - ESTÁGIOS DO DESENVOLVIMENTO DE UM CÍRCULO COLABORATIVO⁶

	Formation	Rebellion	Quest/Creative Work	Collective Action	Disintegration/Individuation	Reunion
Network Structure	Radial	Dense, centered on charismatic leader	Moderately Polarized; collaborative pairs	Dense, Centered on executive Manager	Fragmented	Temporarily dense
Emergent Roles	Gatekeeper, novices	Charismatic Leader, cork, lightning rod, tyrant, space goat, peace maker	Conservative and radical boundary markers, center coalition, collaborative pairs	Executive Manager, Peacemaker	Roles discarded, individuated selves	Alumni organizer, revived informal roles

⁶ Optamos por não traduzir esta tabela para manter a fidelidade do conteúdo original.

Types of Social Support	Companionship, validation of self-concept	Resolution of ambivalence; courage to rebel; buffering pressures to conform; exchange of economic, social, and cultural capital	Instrumental intimacy; strengthening internal cohesiveness through mirroring and serving as idealized self object; sharing cognitive processes, skills, and half-formed ideas, critiquing current work	Goal setting, planning, monitoring progress, finding resources, buffering setbacks	Support during personal crisis	Reaffirmation of value of shared vision and each other's work
Distinguish Process	Socializing in public settings	Ritualized meetings in set place	Creative work in pairs, exchanging works in progress, clarifying vision in group meetings	Collective project to win public support (e.g. journal exhibition, convention, book); interdependent division of labor coordinated by executive manager, increasing conflict	Working alone; individualizing shared vision; conflict over ownership of ideas, authorship, and recognition	Reminiscing, constructing history

FONTE: Farrel (2001, P.277)

Ao contrário das análises de Geison (1981), em que a figura do líder é vista como carismática e dentro de uma lógica hierárquica, Farrell demonstra o caráter endógeno da liderança. Isso está expresso na importância do papel de um líder em diferentes situações. Por exemplo, para que se inicie a fase de contato dos integrantes do grupo, na qual serão trocadas suas primeiras experiências, cabe ao líder com o papel de *Gatekeeper* a função da seleção das amizades. Ao passo que, durante o desenvolvimento, não necessariamente o mesmo indivíduo desempenha a função de *Charismatic Leader*, cujo objetivo é manter a coesão do grupo, crucial para as duas etapas seguintes.

Farrel (2001) também aponta a existência de outros dois fatores determinantes para o funcionamento da colaboração: a distribuição de diferentes atributos entre os integrantes e a posição dos membros dentro da disciplina.

O primeiro deles está apoiado na concepção de Pierre Bourdieu⁷ (1993), lapidada em "*Field of Cultural Production*", sobre a existência de diferentes tipos de capitais (social, cultural e econômico). Segundo Farrel (2011), dentro de um grupo existe uma tendência de que haja uma equalização destes atributos, desde que nenhum membro concentre os três, devido à própria natureza da colaboração. Os próprios membros encontram maneiras de equilibrar essa distribuição desigual, de modo a proporcionar maior estabilidade ao círculo colaborativo, inclusive aumentando sua chance de sucesso. Essa dinâmica se mostra mais estável do que nas relações hierárquicas em que o líder concentra os três tipos de capital, como no caso de um laboratório. (FARRELL, 2011)

Por último, a posição de certos indivíduos dentro da comunidade pode contribuir, de forma decisiva, tanto para a consolidação do grupo como um círculo colaborativo, como para sua capacidade criativa. De acordo com Farrel (2001, p.267) os indivíduos que tendem a iniciar este tipo de colaboração são aqueles "marginalizados em uma disciplina, que não possuem acesso a mentores de prestígio". Alternativamente, em situações que há o contato com alguma autoridade da disciplina, os indivíduos optam por permanecer em seus círculos de amizade.

⁷ Pierre Bourdieu foi um intelectual francês influente em áreas do conhecimento como sociologia, filosofia e antropologia. Possui importantes contribuições para debates da sociologia e antropologia econômica no que diz respeito ao entendimento do consumo. Neste trabalho de 1993, por sua vez, Bourdieu trabalha a lógica da produção cultural a partir de três categorias: o hábito, o campo (field) e o capital. A análise de Bourdieu é característica pela extensão de conceitos da economia para a análise da reprodução social e cultural através, por exemplo, da distribuição dos diferentes tipos de capital na sociedade.

No que diz respeito à criatividade, Farrel (2001, p.279-280) aponta que, quando a figura do *Charismatic Leader* for exercida pelo indivíduo com maior subversão em relação a disciplina, há grande chance de que o grupo funcione como uma zona tampão (*buffer*), estimulando a troca inovadora de ideias. Caso o grupo absorva tanto suas proposições inovadoras, como supere os possíveis traumas que o conflito de visões pode gerar, há uma grande chance de que se consolide como um círculo colaborativo inovador. Dessa maneira, a visão rebelde passa a ser um elemento de coesão que guia os trabalhos de todos os membros. (FARRELL, 2001, p.270)

Contudo, nem sempre é possível levantar evidências a respeito desses círculos colaborativos, tampouco é garantido que eles sempre sejam presentes na construção das obras dos autores. Como destacamos anteriormente, estes são padrões indutivos. É absolutamente necessário ter acesso ao tipo de evidências históricas corretas, que forneçam subsídios para a descrição da interação entre os membros, de modo que seja possível qualificá-la dentro de algum dos padrões já observados. Essa rigidez empírica torna insuficientes o uso exclusivo de evidências como periódicos, por exemplo, para o levantamento de todas estas interações.

Por outro lado, podemos detectar, inclusive em periódicos, características presentes no conteúdo que surgiram da presença de colaborações deste tipo. A figura de um líder intelectual, cuja identificação desse papel consiste no maior desafio, pode fornecer fortes indícios da presença desse tipo de colaboração. Além disso, a interdisciplinaridade é outra característica que pode fornecer evidências a respeito desse tipo de interação, pois ela pode derivar do transbordamento de uma visão, que pode inclusive ser inovadora, gestada a partir de um círculo colaborativo.

Um dos círculos colaborativos mais notáveis na história do pensamento econômico é conhecido por *Bloomsbury Group*. Goodwin (2011) busca demonstrar, de modo preciso, como diversas das concepções de Farrel são aplicáveis e oferecem um maior entendimento acerca da obra de Keynes, assim como de seu circuito cultural. Assim, Goodwin foi capaz de explicitar a influência das concepções deste importante grupo, sobretudo sua construção, nas ideias de Keynes. Outra característica ímpar deste Círculo Colaborativo é sua influência em diversos ramos do conhecimento, como na literatura. Um dos fatores que ajudam a explicar este sucesso é a distribuição heterogênea de capitais entre os membros. Por exemplo,

Keynes concentrava a maior porção de capital econômico, enquanto Virginia Woolf e Vanessa Bell partilhavam do capital cultural. (FORGET & GOODWIN, 2011, p.16-17)

2.1.4. Redes Políticas

A pesquisa sobre a atuação das comunidades intelectuais fora de ambientes acadêmicos não se restringe ao estudo de Farrel (2001). A colaboração intelectual também pode desempenhar um papel relevante para investigar o impacto de visões pertencentes a uma agência estatal ou a partidos políticos, por exemplo, dentro de uma disciplina, especialmente na economia. Isso significa que o estudo da colaboração desenvolvida dentro destas instituições, ou sustentadas por elas, pode contribuir para o estudo de avanços significativos de uma disciplina. É no levantamento destas interações que consiste a essência do estudo das Redes Políticas.

Forget & Goodwin (2011, p.18) apontam que um caso interessante a ser observado é o conflito de duas comunidades pela supremacia na elaboração de políticas pelo *Office of Economic Opportunity*⁸. Outro caso relevante, digno de ser especulado, é a respeito do estruturalismo da Comissão de estudos para a América Latina e o Caribe (Cepal), que parece ser semelhante ao OEO, porém completamente distante do escopo deste trabalho.

Além disso, no surgimento da econometria moderna podemos ver que contribuições criadas dentro de órgãos governamentais tiveram um papel de destaque. Backhouse (2007, p.293) levanta a influência de pelo menos duas organizações estatais. O escritório de planejamento estatal holandês, no qual o economista Jan Tinbergen desenvolveu o primeiro modelo de uma economia com vários setores, em que se utilizava econometria para a estimação de diversos parâmetros. Posteriormente, durante a segunda guerra mundial, o Departamento de Serviços Estratégicos dos Estados Unidos passou a recorrer a ajuda de economistas

⁸*Office of Economic Opportunity* foi um órgão de estado americano criado durante 1964 cujo objetivo principal era dirigir programas do governo focados na diminuição da pobreza nos Estados Unidos. Estavam sobre a administração do órgão programas como: *VISTA*, *Job Corps*, *Community Action Program* e *Head Start*. Basicamente estes constituíam programas que ofertavam assistencialismo social, uma bandeira bastante defendida pelo presidente, criador deste tipo de iniciativa, Lyndon B. Johnson.

para prestar serviços de planejamento bélico. Nesse ambiente, envolvidos em problemas de otimização, economistas eram sujeitos a contato com físicos e matemáticos. Desta forma, áreas como a econometria desenvolveram-se intensamente, a partir da colaboração formada dentro de agências estatais. (BACKHOUSE, 2007 p. 229-230).

Todavia, Forget & Goodwin (2011, p.19) chamam atenção para o fato de que não há um levantamento de padrões tão bem definidos, como no caso das "Escolas de Pesquisa" e dos Círculos Colaborativos, que determinam o sucesso da influência de uma comunidade sobre uma rede política, ou até mesmo de sua formação.

De acordo com os autores, isso está apoiado na própria natureza das redes, as quais envolvem uma constante troca de membros, o que torna difícil avaliar os impactos isolados da presença de uma comunidade intelectual, assim como suas características de integração. Mesmo assim, os autores destacam, liderança, fluidez e poder como as principais características que podem ser observadas no sucesso de uma Rede Política. Contudo, a instabilidade inerente à formação destas redes, torna-as muito mais efêmeras que as "Escolas de pesquisa", por exemplo.

2.2. JUSTAPOSIÇÃO DE PERSPECTIVAS: AS TRÊS HIPÓTESES BÁSICAS SOBRE A COLABORAÇÃO INTELECTUAL

Como abreviação da taxonomia das comunidades intelectuais, Forget & Goodwin (2011,p.18) apontam para a possibilidade de se utilizar três hipóteses básicas, originadas a partir das similaridades entre as "Escolas de pesquisa" e os círculos colaborativos. Elas prestam à função de indicar a presença do fator-chave da colaboração intelectual: o contexto de insurgência de uma liderança intelectual. As hipóteses são:

1 Quando a colaboração se inicia, os membros do grupo estão marginalizados, ou de posse de algum poder institucional referente a sua especialidade?⁹

⁹ *Are group members marginalized or in position of institutional power within a discipline when the collaboration begins?*

2. Existe, claramente, um líder carismático ou distintos indivíduos assumem diferentes papéis de liderança ao longo da vida do grupo?¹⁰

3. Os membros do grupo se percebem relativamente iguais em termos de acesso a capital social, econômico e cultural, ou há a existência clara de um líder com discípulos?¹¹

Estas hipóteses, se confirmadas, consistem nos indicadores básicos da existência de uma colaboração intelectual significativa (exitosa), a qual pode ser relacionada, de alguma maneira, a um dos tipos de agrupamento intelectual já descritos. Mesmo que essas hipóteses não se confirmem, o mero exercício de testá-las, preenche-las de conteúdo empírico, já é capaz de fornecer explicações acerca de, pelo menos, uma especialidade em uma disciplina.

É salutar perceber a grande mensagem por trás destas hipóteses: a importância do contexto institucional em que uma liderança se desenvolve, bem como suas características. Os três tipos de abordagem procuram subsidiar, justamente, o entendimento da emergência da figura de liderança e seu significado, assim como caracterizar o contexto institucional que ela ocorre. Na junção destes dois espaços temos a colaboração intelectual lastreada em algum tipo de grupo intelectual que, seguramente, conta com o papel decisivo de algum tipo de liderança, resguardando o sucesso de sua criatividade coletiva.

Em conclusão, estes questionamentos representam o centro de uma investigação que visa levantar a atuação da colaboração científica dentro de uma disciplina, ou especialidade. Portanto, estarão presentes como guias do nosso estudo empírico, a ser realizado no capítulo 4, em nossa busca pela figura de um líder e o contexto de seu surgimento.

¹⁰ *Is there a clearly defined "charismatic" leader or do different individuals take on different leaderships roles over the life cycle of the collaboration?*

¹¹ *Are group members perceived roughly equal in terms of sum of economic, social, and cultural capital at their disposal, or is there a clear leader with a subordinate disciples?*

3. O PENSAMENTO SOCIALISTA: A GERAÇÃO DO MARXISMO DO PÓS-GUERRA

Neste capítulo, tomaremos o primeiro passo ao comando de nosso objetivo específico: estudar a interlocução econômica de Marx em periódicos de economia no período de 1990 a 2010. Por isso, trataremos a respeito da organização do marxismo no pós-guerra na história do pensamento econômico brasileiro, também descrito pela literatura como pensamento socialista.

Embasados na abordagem das comunidades intelectuais, abordaremos o pensamento marxista nesse período observando três dimensões: os autores, as instituições e a organização do conteúdo debatido. Nossa leitura também está guiada pelas três hipóteses apresentadas ao fim do capítulo 2, contudo não fomentamos o intuito de testa-las. Acreditamos que ao pesquisar estas dimensões na literatura especializada, estamos levantando as características mais importantes, exclusivamente no que diz respeito ao objetivo deste trabalho, do que pode ser chamado de marxismo da geração do pós-guerra.

Nosso objetivo de realizá-lo é auxiliar na avaliação empírica das três hipóteses a respeito da existência das comunidades intelectuais, devido à escassez de trabalhos sobre o tema, especialmente pela originalidade de nossa análise. Por isso, consideramos ser de grande valia contar com alguma fonte de comparação histórica.

Assim organizamos este breve capítulo em duas seções. A primeira diz respeito aos autores e instituições notáveis na extensão do marxismo no pensamento econômico brasileiro no período escolhido. A segunda, por sua vez, trata sobre a configuração do conteúdo debatido. Todos nossos esforços se baseiam em uma consulta à literatura de História do Pensamento Econômico Brasileiro.

3.1. AUTORES E INSTITUIÇÕES

Mantega (1991) realizou o primeiro trabalho que se propôs a estudar as contribuições dos intelectuais de esquerda para o debate econômico do pós guerra.

Sua análise organiza o pensamento marxista da época em dois modelos distintos, no sentido de arcabouço compartilhado de ideias: o modelo "Democrático Burguês" e o modelo de "Subdesenvolvimento Capitalista".

O modelo "Democrático Burguês" partilhava da aceção de que o Brasil consistia em um país "agrário-industrial e semicolonial, no qual predominavam relações de produção arcaicas e semifeudais" (MANTEGA, 1991, p.181). Seria a partir da existência destes "entraves feudais" (a manutenção das relações arcaicas e feudais) que o capitalismo não teria se desenvolvido no país. Este modelo se consolidou ao longo das discussões realizadas nos congressos do PCB, cuja estirpe remete à década de 20, conforme aponta Mantega (1991). O autor também sugere que os intelectuais Nelson Werneck Sodr e e Alberto Passos Guimarães teriam consolidado, no campo teórico, este arcabouço analítico ao precisar a atua o do latifúndio, desde a coloniza o até as etapas de industrializa o, como fator inibidor do desenvolvimento.

O modelo de "Subdesenvolvimento Capitalista", por sua vez, defendia que a sociedade brasileira era um advento da expansão do sistema capitalista mundial, descartando a presença dos entraves feudais como inibidores do desenvolvimento (MANTEGA, 1991, p.210). Ainda segundo Mantega (1991), Rui Mauro Marini, André Gunder Frank e Caio Prado são os autores que podem ser considerados como os expoentes dessa concep o, cuja tradi o intelectual permite relacioná-los a outros autores como Paul Singer e Theotônio dos Santos.

Em contrapartida, Coutinho (2007, p.16) advoga uma abordagem distinta da de Mantega. Ele delimita outro conjunto de autores como "raras exce es relevantes" que, segundo o autor, teriam produzidos contribui es mais significativas do que as discussões propulsionadas pelo PCB, as quais Coutinho (2007) taxa de estéreis. Estes grupo, no qual algumas personalidades se repetem, conta com autores como: Sérgio Silva, João Manuel Cardoso de Mello, Ignácio Rangel, Paul Singer, Francisco de Oliveira, Caio Prado, Maria da Concei o Tavares e Ant nio Barros de Castro. Uma lista bastante abrangente, na qual somente trabalhos individuais são observados, sem nenhuma preocupa o com uma atua o coletiva. Tampouco   apresentado qualquer critério rigoroso que tenha balizado seus julgamentos.

Todos os autores que estudaram o marxismo deste período revelam a profunda influência que essa agremia o política exercia no debate da esquerda.

Existe um consenso bastante razoável de que a característica fundamental do ânimo intelectual de esquerda era a polarização em torno dos ideais do Partido Comunista Brasileiro. (BIELCHOWSKY 1996, COUTINHO 2001, MANTEGA 1991 e KONDER 1991).

Outras instituições, todavia, também exerciam algum papel de influência, funcionando como fontes de poder institucional para pensadores marginalizados dentro do socialismo. Coutinho (2007) chama atenção para o alcance dos periódicos Revista Brasiliense e a Revista Civilização Brasileira na veiculação de ideias postas à margem do debate predominado pelos juízos do PCB. Por exemplo, Paul Singer ofereceu uma explicação original do fenômeno inflacionário, com base na distinção das características cíclicas de economias maduras e atrasadas¹².

É salutar apontar, neste sentido, que Caio Prado era, simultaneamente, editor da revista Brasiliense e a maior referência do pensamento marxista brasileiro, conforme argumentação de Coutinho (2007) e Bielchowsky (1996). Suas energias eram voltadas para o combate às posições do PCB no que diz respeito à agricultura e economia do trabalho. Até mesmo Mantega (1991, p.15) também chama atenção para a importância da revista na divulgação das ideias de André Gunder Frank, fortemente influenciadas pela nova esquerda americana - um autor também contrário a vários ideais do PCB.

Sob o mesmo norte, Coutinho (2007) destaca a capacidade de mobilização intelectual da obra de Caio Prado, por ter desempenhado o papel de grande referência para uma crítica coletiva às teses do PCB. Através de sua negação do caráter semifeudal da economia brasileira, Caio Prado defendeu a presença da racionalidade empresarial nos latifúndios, na contratação de mão de obra. Seu escólio fundamentou o movimento intelectual de ruptura com o PCB, isto é, a discussão de novas estratégias revolucionárias derivadas de sua interpretação (COUTINHO, 2007, p.23). Da mesma forma, Coutinho defende que as interpretações de Caio Prado influenciaram diretamente as obras de intelectuais como Rui Mauro Marini e Theotônio dos Santos. Para Konder (1991,p. 32), a concepção de Caio Prado apontava na seguinte direção: "nem a história se faz por si mesma, automaticamente, nem os homens a fazem de maneira arbitrária, impondo-

¹² Posteriormente, em seu livro titulado "Desenvolvimento e Crise" Singer (1977), seguindo a mesma tônica deste artigo, analisou o fenômeno inflacionário de modo bastante preciso, com argumentos bastantes semelhantes à teoria da inflação inercial.

lhes desenvolvamente seus desígnios". Por isso seu pensamento era capaz de se desprender dos arquétipos desenvolvidos pelo PCB, os quais eram estritamente dependentes das contendas políticas realizadas em seus congressos (MANTEGA, 1991). Desta forma, as interpretações de Caio Prado tornavam-no apto a oferecer escólios originais e críticas aos posicionamentos do partido.

Assim, podemos extrair da literatura existência de dois grupos responsáveis pelo contorno do pensamento socialista do pós guerra. O primeiro, e principal, diz respeito, principalmente, ao que Mantega (1991) chamou de "Modelo democrático burguês", pertencente ao PCB, característico pela coesão e por centralizar o debate em suas pautas, de certa forma, internas. O segundo, marginalizado porém com aportes originais, consistia em um grupo difuso de pensadores, os quais eram críticos às teses defendidas pelo PCB. Neste grupo a obra de Caio Prado exercia algum papel de liderança intelectual, assim como seu periódico (Revista Brasiliense).

Contudo, não é possível aprofundar nossa discussão. Principalmente porque não existem registros na literatura disponível sobre o estabelecimento de colaborações intelectuais diretas entre os pensadores relacionados a Caio Prado. Tampouco maior minúcia a respeito da dinâmica desenvolvida dentro do PCB.

3.2. A INOCUIDADE DO PENSAMENTO SOCIALISTA

Outro consenso, presente na literatura sobre este tema, é de que o pensamento socialista encontrava-se à margem dos principais estudos sobre economia, os quais pertenciam ao desenvolvimentismo, especialmente no período de maior pujança do pensamento econômico brasileiro de 1945 a 1960 (BIELCHOWSKY 1996 & COUTINHO 2007). Inclusive, Coutinho chama atenção para a falta de capacidade do pensamento marxista em penetrar no pensamento econômico brasileiro até mesmo no período de 1960 a 1990.

Coutinho (2007, p.15) caracterizou o marxismo como "imerso no caudal do desenvolvimentismo, raramente se distinguindo e/ou estabelecendo argumentos originais". Coutinho (2007, p.16) sustentava a existência de "uma moldura partidária na reflexão". Isto quer dizer que, na perspectiva do autor, era notável uma demasiada dependência dos autores marxistas em relação aos debates políticos da

esquerda, sobretudo os do PCB, que não correspondiam tão bem às preocupações políticas da época. O sucesso do desenvolvimentismo, por outro lado, residia justamente em seu pragmatismo político, evidente pela preocupação com as condições políticas da época, sobretudo de política econômica. Bielchowsky (1996, p.182-183), por exemplo, chama atenção para o fato de que "a rigor é difícil, no caso dos socialistas, falar em teoria econômica subjacente às análises [...] Não houve, da parte dos socialistas, um esforço analítico semelhante ao que os estruturalistas realizaram", até mesmo o "uso da própria economia marxista foi limitado".

Sob este norte, Coutinho (2007) reforça seu argumento no fato de que as discussões concentravam-se na temática do Desenvolvimento Econômico - maneira pela qual os debates políticos do PCB tomavam contorno na economia. Em contrapartida, áreas importantes - pragmáticas - como política econômica, economia aplicada e o fenômeno da inflação, por exemplo, contaram com poucas contribuições. Esta fraca atuação nestas áreas aplicadas reforçam o argumento de que a falta de preocupação com as condições políticas da época contribuía para a irrelevância do pensamento socialista frente ao desenvolvimentismo (COUTINHO 2007, p.20).

Ainda considerando sobre a dependência do marxismo econômico com relação a discussões externas, Coutinho (2007) argumenta que a inocuidade do pensamento marxista está relacionada à dependência que o marxismo econômico, atrelado ao PCB, teria do marxismo histórico, cujo desenvolvimento no Brasil foi fraco em oferecer uma interpretação original a respeito da história brasileira.

Por outro lado, Coutinho (2007) defende que o conjunto de autores, de certo modo liderados por Caio Prado, característicos pela crítica ao PCB, não partilhavam desta maninhez. Ainda de acordo com a interpretação de Coutinho (2007), na realidade uma das poucas interpretações capazes de subsidiar uma análise econômica original foi oferecida, justamente, por Caio Prado, a quem também coube o papel de realizar importantes discussões econômicas a respeito de temas como Economia Agrária e do Trabalho, os quais estavam mais voltados para questões pragmáticas, isto é, voltadas para as preocupações políticas da época (COUTINHO, 2007). Além disso demais integrantes das "raras exceções relevantes", como Maria da Conceição Tavares, João Cardoso de Mello e Paul Singer, também ofereciam

interpretações sobre o capitalismo na América Latina, bem como do fenômeno inflacionário, os quais Coutinho considera igualmente dotados de teor pragmático.

À guisa de fechamento dessa seção, gostaríamos de destacar que, embora existiram contribuições originais, elas eram marginais. A literatura sugere que a tônica do pensamento socialista era sua inocuidade frente ao desenvolvimentismo, fruto da polarização das discussões excessivamente políticas do PCB. Precisamente a falta de foco em temas aplicados, como política econômica, cujo designio consistia na principal virtude de seu adversário¹³, o desenvolvimentismo.

¹³ Termo amplamente utilizado tanto por Coutinho (2007) como por Bielchowsky (1996)

4. ESTUDO EMPÍRICO DA INTERLOCUÇÃO DE MARX EM PERIÓDICOS ESPECIALIZADOS EM ECONOMIA.

Nesta etapa, buscamos avaliar a existência de algum tipo de colaboração intelectual dentro da interlocução econômica de Marx na economia. Assim, proporcionamos o estudo empírico direcionado ao teste das hipóteses básicas de Forget & Goodwin (2011).

Nosso estudo consiste, por meio da utilização de critérios bibliométricos, na construção de um banco de dados de artigos que tratam ou utilizam, em algum alcance, a obra de Marx. Para sua elaboração, foram consultados, manualmente, dezessete periódicos publicados no período de 1990 a 2010, especializados em economia de acordo com a classificação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Entendemos que a escolha por periódicos qualificados desta maneira é capaz de distinguir o emprego específico de Marx nesta área do conhecimento em relação às demais. Como resultado, foram encontrados 112 artigos em que Marx se fazia presente de forma explícita em seu conteúdo¹⁴.

Agora, é imperativo esclarecermos a utilização do nome interlocução econômica de Marx. Isto se sucedeu por dois ensejos. Primeiro, por acreditarmos não ser apropriado utilizar a palavra marxista, uma vez que é difícil aplicar um critério satisfatoriamente objetivo para seu emprego, de modo que a objetividade se sobressaia à polêmica. Segundo, empregar a palavra Marxista significaria um equívoco para o estudo de periódicos, pois ela é adequada para a qualificação de objetos mais amplos. Por exemplo, a obra completa de um autor, ou correntes de pensamento. A própria natureza de nosso objeto diz respeito a somente um componente da hierarquia destas categorias. Por trás desta escolha reside nossa hipótese de que, caso alguns destes arranjos exista, ele se manifesta, ainda que parcialmente, nos periódicos da disciplina.

Postas estas limitações, optamos por utilizar a palavra interlocução como forma de avaliar o caráter do diálogo com Marx. Como somente se dirigir de maneira explícita a Marx não significa ser um analista que dedica uma carreira ao seu estudo, portanto, não são apreciados como marxistas todos os interlocutores de Marx. Ao

¹⁴ Uma lista completa dos artigos selecionados pode ser encontrada no ANEXO I. O autor também se predispõem a disponibilizar integralmente o banco de dados construído a qualquer um que interessar.

mesmo tempo, nos valemos do fato de que todos os Marxistas podem ser considerados grandes interlocutores de Marx.

No que diz respeito à ordenação empírica, a construção de um banco de dados com o uso de aparatos bibliométricos, ela já foi protagonizada anteriormente na HPE por Backhouse (1998). O autor logrou em utilizar esse recurso para ponderar a respeito da transformação do pensamento econômico americano entre 1920 a 1960 através da utilização deste subterfúgio empírico, construído a partir de uma amostragem dos três principais periódicos do período¹⁵. Desta forma, Backhouse (1998) despontou a possibilidade de amparar, de modo bastante satisfatório, estudos de HPE em pesquisas empíricas com periódicos, desde que se conte com uma amostragem grande o suficiente¹⁶.

No que concerne às comunidades intelectuais, elas permanecem integradas à nossa análise porque os dados foram precisamente formatados para testar as hipóteses quanto a sua presença. A partir da utilização de recursos bibliométricos realizaremos a seleção dos dados mais importantes. Já a interpretação dos dados, a partir do recorte realizado, será feita à luz do expediente analítico do estudo das comunidades intelectuais.

Assim, arranjaríamos nosso estudo empírico da seguinte maneira. A primeira seção apresenta aspectos técnicos da construção do banco de dados, como critérios bibliométricos e periódicos consultados. A segunda seção dedica-se à apresentação quantitativa dos dados, visando o teste da primeira hipótese. A fim de testarmos as outras duas hipóteses A terceira parte destina-se à análise qualitativa dos *clusters* encontrados ao final do julgamento quantitativo. Por fim, realizamos uma síntese das informações para discorrer sobre os resultados encontrados.

4.1. MATERIAIS E MÉTODOS.

Começaremos discorrendo sobre os periódicos. Os 17 periódicos escolhidos seguem listados a seguir: *Análise Econômica*, *Revista da ANPEC* (Associação

¹⁵Os periódicos consultados por Backhouse (1998) foram: *American Economic Review*, *The Journal of Political Economy* e *The Quarterly Journal of Economics*.

¹⁶ No caso de nosso estudo, nosso universo amostral mais amplo consiste nos 7556 artigos analisados manualmente, enquanto nossa amostra específica consiste nos 112 artigos selecionados

Nacional de Pós Graduação em Economia), Economia Aplicada, Economia e Sociedade, Econômica, Ensaio FEE (Fundação de Economia e Estatística), Estudos Econômicos, Nova Economia, Pesquisa e Debate, Pesquisa e Planejamento, Planejamento e Políticas Públicas, Revista Brasileira de Economia, Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política (SEP), Revista de Economia Contemporânea, Revista de Economia Política, Revista de Economia (UFPR) e Revista Econômica do Nordeste.

Esta escolha foi feita visando englobar o maior número possível de periódicos das mais variadas classificações da CAPES. Selecionamos este universo que contém periódicos classificados como B1, B2 e B3. Esta preferência deve-se ao entendimento de que pesquisadores que buscam ascender na carreira, conforme os critérios da CAPES, buscam ter suas publicações veiculadas nestes periódicos, uma vez que são mais bem classificados na área específica.

A determinação dos artigos relevantes para a composição do banco de dados foi feita com base em uma bibliometria de títulos. A bibliometria consiste na "aplicação de métodos matemáticos e estatísticos para livros e outras formas de comunicação, destinada à quantificação da comunicação escrita" (PRICHARD, 1969).

Usualmente a bibliometria conta com recursos digitais que geram automaticamente suas estatísticas. Como por exemplo, medidas de impacto baseadas no número de citações, ou até mesmo a contagem automática de palavras. Contudo, estas ferramentas não se encontravam disponíveis para os periódicos selecionados. Isto nos levou a realizar a coleta manualmente através da metodologia de análise de títulos a partir de palavras chave, seguida de consulta do resumo.

A coleta, portanto, laborou no seguinte formato: uma vez que o título de um artigo indicasse a presença de palavras chave, ou o próprio conteúdo do título fizesse menção direta à Marx, ou temas relacionados, partia-se para a leitura do resumo como critério último de escolha. As palavras chaves utilizadas foram: Capitalismo, Capital, Composição do Capital, Modo de Produção, Valor, Trabalho, Teoria do Valor, Valor-Trabalho, Crise, Taxa de Lucro, Queda da taxa de lucro, Marx, Marxismo, Mercadoria, Socialismo e Comunismo. Todas estas palavras foram escolhidas por se referirem diretamente à Marx, ou por pertencerem ao vocabulário tradicional da análise econômica de Marx, sobretudo presente em O capital. Uma

vez que o artigo era selecionado, registrava-se informações como: autor, data, nome do periódico, edição da publicação, número de páginas, título, palavras chave, presença da classificação JEL e critério de escolha.

Finalmete, o período selecionado foi o de 1990 a 2010. A opção por este recorte temporal foi perpetrada com base em dois motivos: (1) pois acreditamos que o regime militar não exercia mais um impacto comprometedor¹⁷ para este tipo de estudo e, (2) pelo fato de que o estudo de Coutinho (2007) não tratar deste período.

4.2. ANÁLISE QUANTITATIVA.

O objetivo de nossa análise quantitativa é examinar o agrupamento de trabalhos selecionados por duas facetas: os periódicos e os autores. O cruzamento destas grandezas, ou seja, a maior concentração entre número de artigos e autores, nos possibilitou selecionar o conteúdo mais impactante¹⁸. Denominamos por **núcleo autoral** o conjunto de autores mais significativos, com a maior quantidade de artigos publicados. Com essa demarcação, foi possível cultivar o que nomeamos como **análise temática** - agrupamento pela similaridade de teor dos trabalhos do núcleo autoral. Esta separação guiou a determinação de *clusters*, alvitre final da análise quantitativa. Isto nos fornece subsídios suficientes para o teste da primeira hipótese:

1 Quando a colaboração se inicia, os membros do grupo estão marginalizados, ou de posse de algum poder institucional referente a sua especialidade? (FORGET & GOODWIN, 2011,p.18)

Para testá-la, utilizaremos a dispersão dos artigos selecionados nos periódicos examinados. Como existe uma classificação hierárquica entre os periódicos, conhecida como Qualis, inclusa na investigação. Analisaremos, primeiramente, o números de artigos selecionados dentro de seu universo específico (periódicos, Qualis, autoria e todo o universo).

¹⁷ Além de não haver mais censura, existe tempo suficiente para a formação de pelo menos uma geração de economistas em que estudar Marx não era mais visto como um ato ilícito.

¹⁸ Nosso critério de impacto consiste, basicamente, na participação relativa das dimensões selecionadas em relação ao universo determinado. Por exemplo, número de artigos selecionados pelo critério bibliométrico de uma revista (dimensão selecionada), dividido pelo número total de artigos daquela revista (universo específico).

4.2.1. Distribuição das publicações

O primeiro dado que diz respeito a publicação das revistas é o número de artigos selecionados em relação ao número total de artigos que compõe todo o universo estudado. Dentro do universo de 17 periódicos selecionados, foram localizados 112 artigos que se referiam explicitamente, em seu título e/ou resumo, à Marx em um universo de 7556 artigos avaliados. Logo, os artigos elegidos representam uma proporção de 0,014 (1,4%) em relação ao total. A distribuição destas publicações por periódico pode ser visualizada na tabela que segue.

TABELA 2 - DISTRIBUIÇÃO AGREGADA POR REVISTAS

Periódico	Universo de Artigos	Artigos Selecionados	Proporção relativa	Participação no total	Qualis
Revista da SEP	135	25	19%	22%	b3
Revista de Economia (UFPR)	214	15	7%	13%	b3
Estudos Econômicos	519	17	3%	15%	b1
Pesquisa e Debate	199	6	3%	5%	b3
Análise Econômica	366	11	3%	10%	b2
Economia (ANPEC)	261	7	3%	6%	b1
Revista de economia política	692	10	1%	9%	b1
Revista de Economia Contemporânea	220	3	1%	3%	b2
Nova Economia	246	3	1%	3%	b1
Ensaio	466	8	2%	7%	b3
Economia e Sociedade	453	2	0%	2%	b1

Periódico	Universo de Artigos	Artigos Selecionados	Proporção relativa	Participação no total	Qualis
Revista Brasileira de Economia	474	2	0%	2%	b1
Economica	927	3	0%	3%	b3
Economia Aplicada	386	0	0%	0%	b1
Pesquisa e Planejamento	374	0	0%	0%	b1
Planejamento e Políticas Públicas	222	0	0%	0%	b2
Revista Econômica do Nordeste	664	0	0%	0%	b2

FONTE: O Autor (2013)

A Tabela 2 mostra como a publicação de artigos selecionados encontra-se concentrada em alguns escassos periódicos. A segunda coluna informa o número total de artigos da revista, a seguinte aponta o número de artigos selecionados conforme nossos critérios. A quarta coluna representa a proporção entre artigos selecionados e o universo da revista. A quinta coluna delimita a participação destes artigos dentro do universo de todos os artigos selecionados. Por fim, a sexta e última coluna corresponde ao Qualis do periódico apreciado.

Uma ressalva é necessária para a colocação da Revista de Economia (UFPR). Note-se que 12 dos 15 artigos encontram-se alocados na mesma edição comemorativa de 140 anos da publicação de O Capital, edição especial publicada em 2008. Por isso a ponderamos como um *outlier*.

Chama atenção o fato de que em somente 6 periódicos o peso dos artigos selecionados foi superior a 1% em relação a todo o conteúdo do periódico. Neste grupo (Revista da Sep, Revista de Economia UFPR, Estudos Econômicos, Pesquisa e Debate, Análise Econômica e ANPEC) estão reunidos cerca de 72% do total de artigos selecionados.

Portanto, do ponto de vista da presença de algum poder institucional, o impacto das publicações selecionadas sugerem que a revista da SEP consiste na principal fonte de poder institucional pela perspectiva dos periódicos, uma vez que

não há em economia uma revista especializada em Marx. Em seguida, a revista Estudos Econômicos aparece como o segundo local de maior influência das publicações selecionadas. Além disso, a Sociedade Brasileira de Economia política constitui uma instituição respeitada entre os pares da profissão. Outra fonte de poder institucional pode ser observada pela presença de uma mesa no encontro da ANPEC dedicado à Economia Política.

Por outro lado, ainda que de posse de um poder institucional, a má qualificação no Qualis –b3- do principal periódico difusor deste conteúdo (revista da SEP), indica que este conteúdo é marginalizado na disciplina.

Para reforçar a marginalização deste conteúdo, demonstramos, na Tabela 3, a influência das publicações selecionadas de acordo com o Qualis das revistas e o tempo.

TABELA 3 - AGREGADO COMPLETO DOS PERIÓDICOS

Data e Qualis	Artigos totais	Artigos Selecionados	Proporção no total
1990 - 1999 B1	1149	17	1%
1990 - 1999 B2	525	2	0%
1990 - 1999 B3	418	15	4%
2000 - 2010 B1	2256	24	1%
2000 - 2010 B2	947	11	1%
2000 - 2012 B3	781	42	5%

FONTE: O autor (2013)

Nota-se que a Tabela 3 fornece o comportamento tanto da publicação de artigos sobre Marx, bem como da própria evolução dos periódicos. O tamanho, o número total de artigos, de cada Qualis chega próximo a dobrar no período analisado. Já a respeito das publicações selecionadas, por outro lado, não é possível observar, de antemão, um comportamento de crescimento tão bem definido. É imprescindível notar que o Qualis do periódico da principal instituição, SEP, insere-se no menor universo total de artigos, tanto nos anos 1990 como nos anos 2000.

Vejamos outras relações temporais interessantes. A proporção no Qualis B1, de artigos selecionados para o número total de artigos, manteve-se estável de uma

série temporal para outra, o que está relacionado à importância da revista Estudos Econômicos. No que concerne o Qualis B2, por sua vez, o número de artigos mais que dobrou, porém este comportamento está completamente concentrado na revista Análise Econômica. Já no Qualis B3 o número de artigos selecionados quase triplica, enquanto sua participação relativa cresce somente um ponto percentual. A este crescimento podemos atribuir a abertura da Revista da SEP. O comportamento desagregado das publicações selecionadas nos periódicos, por sua vez, pode ser encontrado no ANEXO 2. Foi a partir destas informações que estes periódicos mostraram-se mais influentes. Outra relação interessante passível de observação é de que não podemos afirmar que os interlocutores de Marx, no sentido mais amplo que já foi explanado, estão diminuindo sua atuação. Pelo contrário, este grupo, no mínimo, manteve sua presença na participação das publicações durante os 20 anos analisados.

Estes dados já indicam uma resposta parcial à primeira hipótese: os autores possuem algum poder institucional, porém o periódico de sua principal instituição, um elemento bastante importante, é extremamente marginal. Fora desta instituição formal, por outro lado, existe um número bastante razoável de publicações em periódicos de Qualis B1¹⁹, face aos 112 artigos encontrados. Isto significa que ainda que marginalizados, dispõem de qualidade acadêmica o suficiente para conquistar posições nos periódicos mais concorridos. Além disso, outra evidência do poder institucional do marxismo deve ser a existência de disciplinas lecionadas obrigatoriamente, ao menos, no nível de graduação. Entretanto, essa evidência foge ao escopo empírico desse trabalho, que é um exercício bibliométrico.

4.2.2. Distribuição autoral: o núcleo

Agora, buscaremos finalizar a identificação dos principais autores responsáveis por originar grande parte do material selecionado. Além disso, também levantaremos dados para subsidiar a apreciação das outras duas demais hipóteses. Por isso, elaboraremos o núcleo de autores. Buscaremos identificar autores-chave,

¹⁹ Maiores esclarecimentos, em detalhes, desta relação podem ser encontrados no Anexo III.

isto é, aqueles que tem maior probabilidade de exercerem algum tipo de liderança intelectual. Nosso critério para a escolha consistirá no número de artigos publicado por cada um deles.

Valendo-se da qualificação de estudo bibliométrico, utilizaremos uma das chamadas leis da bibliometria para identificar os principais autores. A relação entre produtividade e autores consiste no que é conhecido como "Lei de Lotka". Ela nos diz que: a relação entre o número de autores e de artigos segue a Lei do Inverso do Quadrado ($1/n^2$). Por trás desta ideia, está a concepção de que poucos autores concentram muitas publicações e muitos reunirão poucas. (BORCHIVER & GUEDES 2005) Em outras palavras, em uma separação que relacione número de artigos com número de autores, é de se esperar que o número de artigos suba à medida que o número de autores diminua. Logo, há uma relação inversamente proporcional entre número de artigos e número de autores.

Assim sendo, é de se esperar que exista um núcleo de autores que concentra boa parte das publicações de um determinado assunto. Julgamos, por estes atributos, que este seja o local mais provável de se observar algum tipo de colaboração intelectual identificada pelo teste das hipóteses.

A Tabela 4 busca organizar estas informações, para mostrar este tipo de relação dentro do universo de artigos selecionados

TABELA - 4 RELAÇÃO ENTRE N° DE AUTORES E N° DE ARTIGOS

Nível	Qualificação	N° de autores	N ° total de artigos	Média
1	somente 1	44	44	1.0
2	Somente 2	12	24	2
3	De 3 a 5	7	27	3.9
4	6 ou mais	4	32	8.0

FONTE: O autor (2013)

Na tabela acima, os autores²⁰ estão agregados conforme quatro níveis expressos na primeira coluna. O critério de agregação para os níveis, localizado na coluna "qualificação", foi o número de artigos que estes autores publicaram, observável na coluna "qualificação". A coluna seguinte informa o número de autores presentes nestes níveis. Em seguida, estão expressos o número total de artigos presentes nos respectivos níveis, com a média de cada nível indicada ao lado. Deste

²⁰ Para casos de coautoria o artigo foi contabilizado como um artigo para os dois autores Na contabilização das publicações dos autores, cada publicação conjunta contava como uma publicação individual.

modo, foram obtidos três características - N° de autores, N° de artigos e Média - representadas graficamente a seguir.

O Gráfico 1 corresponde à representação da Tabela 4. No eixo horizontal temos os níveis definidos através do número de artigos. No eixo vertical temos tanto o número de Artigos como de Autores. Cada linha expressa uma característica do seu correspondente nível. A linha azul indica o número de autores, a linha vermelha, o número de artigos e a linha verde, a média de artigos por autor.

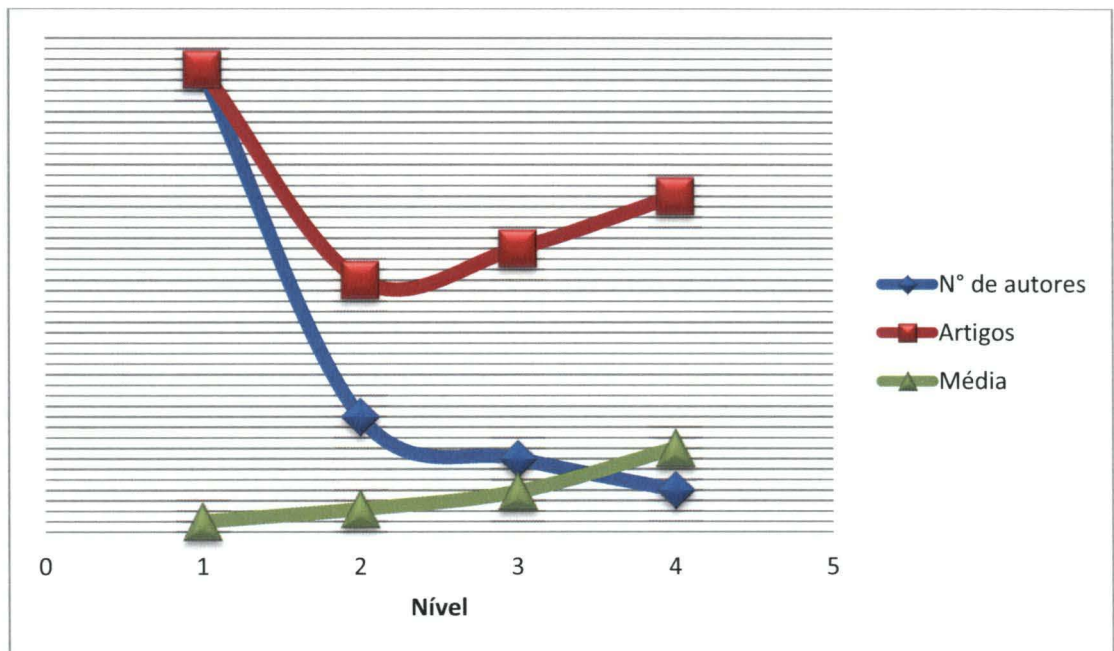


GRÁFICO 1 - A LEI DE LOTKA: RELAÇÃO ENTRE AUTORES E ARTIGOS

FONTE: O autor (2013)

Podemos observar que a partir do Nível 2 a distribuição segue a tendência esperada pela Lei de Lotka: o número de Autores cai a medida que o número de artigos, por categoria, aumenta. Contudo, isso não se verifica na transição entre o nível 1 e o nível 2. Uma das possíveis explicações para isso é o fato de que, somente a partir do nível 2, existe uma interlocução com Marx mais profunda, homogênea. Os autores que publicaram somente 1 artigo podem ter uma relação com o uso da obra de Marx mais efêmera, ou seja, não são analistas que utilizam Marx de maneira consistente ao longo de suas carreiras. Não passam, dessa forma, de interlocutores ocasionais.

Por isso, é possível que se analise a média entre número de autores e artigos. Ao defrontá-la com o número de autores, ela segue claramente a tendência prevista pela lei de Lotka: a média dos artigos, por nível, praticamente dobra ao se

permutar de um nível para outro. Esta relação pode precisamente observada na tabela 4.

Utilizaremos, portanto, os autores pertencentes ao nível 3 e 4 para delimitarmos o núcleo da interlocução de Marx nos periódicos de economia.

A Tabela 5 descreve o núcleo autoral. Ela relaciona as seguintes informações: número de artigos selecionados, publicação conjunta, publicação na SEP, local que mais publicou, Tema que mais trabalhou, de modo a explicitar as características dos principais autores. A seguir, trabalharemos as principais características geradas a partir destas informações.

Primeiramente a quantidade de artigos selecionados publicados, primeira coluna, nos fornece uma medida em relação ao tamanho do núcleo. Estes onze autores concentram 60 artigos, mais de 50% do total de publicações selecionadas. Destas 60 publicações, 13 encontram-se somente na revista da SEP. Isso significa uma porcentagem de 22% em relação ao núcleo. Por outro lado, em relação aos artigos selecionados da SEP, os mesmos significam 52%. A revista Estudos Econômicos, por sua vez, acomoda 6 destas 60 publicações (10%). Outros periódicos que se destacam por concentrar publicações do núcleo são a Revista de Economia (UFPR), Análise Econômica, Revista de Economia Política e Revista de Economia (a revista da ANPEC). Isso ressalta que a SEP, ainda que um símbolo de poder institucional, não é canalizadora de todos os esforços dos autores que mais se referem a Marx em seus trabalhos. Nesse sentido, temos uma resposta definitiva para a primeira hipótese, de que os autores estão sim marginalizados, porém contam com um poder institucional razoável através da SEP²¹.

No que diz respeito a coautorias, um indicador mais direto de colaboração intelectual, constatamos que somente cinco de onze autores a realizaram. Porém, nenhuma destas foi arranjada entre autores presentes no núcleo. Isso levanta a hipótese de que estas publicações estão relacionadas à novos estudantes. Contudo, como consiste mais em um comportamento isolado, isto é, não se trata de uma tendência significativa, por esse motivo, não nos determos muito nessa característica.

²¹ Para um detalhamento mais preciso da revista SEP frente ao qualis b3 e as publicações do qualis b1 ver ANEXO III

TABELA 5- O NÚCLEO AUTORAL E SUAS CARACTERÍSTICAS

Autor	Artigos Publicados	Coautoria?	Publicou na Sep?	Periódico mais utilizado	Tema mais abordado (n°)
Alfredo Saad Filho	5	Sim	Não	Análise Econômica (AE) (2)	Valor (4)
André Guimarães Augusto	3	Nao	Sim (1)	Publicação homogenea	Trabalho (2)
Benedito de Moraes Neto	6	Nao	Sim (2)	SEP (2)	HPE e Conjunto (2)
Claudio Gontijo	4	Nao	Não	ANPEC (2)	Valor (4)
Claus Germer	12	Sim	Sim (2)	AE & Revista de Economia UFPR (2 & 3)	Moeda (9)
Francisco Cipolla	6	Sim	Sim (2)	SEP & Revista de Economia UFPR (2*)	Moeda (2)
Gentil Corazza	3	Nao	Sim (1)	Publicação homogenea	3 temas: moeda, trabalho e método
João Antonio de Paula	8	Sim	Sim(2)	SEP e REP (2)	HPE/Metodologia (4)
Leda Maria Paulani	4	Nao	Não	Estudos econômicos (2)	Moeda (3)
Maria de Lourdes Mollo	4	Nao	Não	REP (2)	Moeda e valor (2)
Reinaldo Carcanholo	6	Sim	Sim (2)	SEP (2)	Moeda(3)

FONTE: O autor (2013)

O número máximo de artigos publicados em um mesmo periódicos foi de 3, observado somente por um autor. A tendência principal, no entanto, ficou em 2, mostrando que a regra geral é de os autores distribuam suas publicações entre vários periódicos, caracterizando ausência de um poder institucional significativo que canalize as publicações. O autor com mais publicações Claus Germer, por exemplo, quando publicou exatamente 2 artigos o fez em 4 periódicos distintos. Autores como Leda Maria Paulani e Claudio Gontijo publicaram somente em periódicos de Qualis B1, o que indica uma escolha pela qualidade em vez da quantidade, uma vez que estes são os periódicos de maior pontuação, portanto enfrenta-se uma concorrência muito superior. Com relação aos números indicados com um asterisco, eles representam a presença de publicação no número especial da revista de Economia da UFPR em comemoração aos 140 anos de O capital, cuja influência consideramos um *outlier* para a avaliação deste quesito.

A última coluna, "Tema mais abordado", informa o tema mais trabalhado por cada autor, indicando, entre parênteses, o número de artigos daquele autor relacionado àquele tema. Este consiste no fruto final da organização dos autores em um núcleo, pois chega-se à exposição de seu conteúdo. Isto é, a configuração do conhecimento produzido pelos autores relacionados ao núcleo. É imprescindível notar que este se trata do lócus em que há maior quantidade de publicações com o menor número de autores. Assim entendemos tratar do maior grupo de indivíduos com a maior probabilidade de gerar laços colaborativos. Da mesma forma, é de se esperar que estes sejam os principais trabalhos do assunto.

A seguir, a tabela 6 organiza a distribuição temática dos trabalhos selecionados pertencentes aos autores do cerne de relevância. A primeira coluna indica-nos o aglomerado (*cluster*) que é caracterizado, na sequência, pelo número de autores que publicaram sobre aquele tema. As demais colunas indicam, respectivamente, as coautorias destes trabalhos, número de artigos que tratam daquele tema; o número de páginas total destes artigos; o Qualis mais frequente em que esse tema se manifesta. É importante observar que a coluna seguinte "distribuição dos periódicos" informa tanto o número de periódicos em que se observou a manifestação desse tipo de tema, como aquele no qual isso se sucedeu.

TABELA 6 - DISTRIBUIÇÃO TEMÁTICA

<i>Cluster</i>	Nº de Autores	Coautorias	Nº de artigos	Nº Páginas	Qualis mais frequente	Distribuição dos periódicos
Moeda	12	4	16	284	b3 com 10	7 periódicos, (4).
Conjunto	8	1	14	211	b1 com 8	7 periódicos: REP (4)
Valor	5	0	10	206	b1 com 5	6 periódicos. SEP (2) ANPEC (2) AE (2)
Capitalismo	6	3	6	143	b3 e b1 com 3	6 periódicos, distribuição unitária
HPE	2	0	6	121	b3 com 4	4 periódicos. SEP (4)
Trabalho	3	0	4	70	b3 com 2	4 periódicos distribuição unitária
Estado	1	0	1	42	b1 com 1	ANPEC
Metodologia	3	0	3	39	b3 com 2	3 periódicos distribuição unitária

Fonte O autor (2013)

Em termos gerais, os temas se repetem diversas vezes, o que revela uma especialização dos autores. Os principais temas abordados são: valor e moeda (o mais abordado), trabalho, metodologia e HPE. Como a tônica predominante entre as publicações é a da dispersão, nenhum periódico foi capaz de veicular todos os temas. O principal periódico, por sua vez, que reúne o maior número de temas distintos é a SEP, reforçando nossa afirmação de que ela é a principal fonte de poder institucional. Entendemos que a organização do núcleo em temas é fundamental para a identificação de um líder, subsídio essencial para a avaliação das hipóteses 2 e 3. É através disso que poderemos inferir a respeito da presença de um líder intelectual que organiza, de alguma forma, o conteúdo de uma especialidade.

Deste apanhado informativo, elencamos clusters moeda, valor e conjunto²², como os mais importantes, devido ao nosso critério de impacto. Na realidade, eles são considerados proeminentes por serem os maiores. Eles concentram 40 dos 60 artigos relacionados ao núcleo, 67%. O cluster referente a moeda, em seu turno, é o mais importante de acordo com uma série de critérios retratados na tabela a seguir

TABELA 7 - DELIMITAÇÃO DOS CLUSTERS MAIS RELEVANTES

Critério	Mais impactante
Nº de autores	Moeda
Coautoria	Moeda
Nº de artigos	Moeda
Nº Páginas	Moeda
Qualis mais frequente e mais conceituado	Conjunto
Em maior número de periódicos	Moeda e Conjunto com 7
Sep mais presente	HPE e Moeda

Fonte: O autor (2013)

Vale ressaltar que embora moeda seja o *cluster* mais impactante, sua diferença em alguns quesitos, como número de páginas e número de artigos, para o *cluster* valor é muito pequena. Ao mesmo tempo, se observarmos que valor é o *cluster* individual que mais engloba publicações no melhor Qualis, podemos considerá-lo igualmente importante como moeda.

²² Foi utilizada a demoninação conjunto quando o tema consistia, claramente, na combinação de outros temas. Por exemplo moeda e valor.

4.3. ANÁLISE QUALITATIVA

Agora, realizaremos a análise qualitativa dos três *clusters* mais relevantes (moeda, valor e conjunto)²³. Ficaremos restritos a uma análise somente destes três por diversos motivos: concentração do maior número de autores e artigos, influência no Qualis b3 e b1, e, por fim, pela nossa própria restrição de recursos (espaço) dada a natureza deste trabalho.

Nosso objetivo principal é testar as hipóteses 2 e 3 (FORGET & GOODWIN, 2011,p.18) sobre a presença das comunidades científicas, repetimos, a seguir, tais hipóteses:

2. Existe, claramente, um líder carismático ou distintos indivíduos assumem diferentes papéis de liderança ao longo da vida do grupo?

3. Os membros do grupo se percebem relativamente iguais em termos de acesso ao capital social, econômico e cultural, ou há a existência clara de um líder com discípulos?

Lembremos que o saber advindo destas hipóteses é o de que experiências coletivas bem sucedidas para a HPE pautada na perspectiva das comunidades intelectuais contam, no mínimo, com a atuação de um líder. Buscaremos, justamente, através da análise de conteúdo dos três *clusters* selecionados, identificar a atuação de um líder. Nosso material disponível não nos oferece condições de inferir sobre fatores como o carisma, nem a percepção dos capitais entre os membros, contudo, pensamos que podemos avaliar a presença de um líder.

Assim, avaliamos que há liderança quando o trabalho de um autor é capaz de organizar o debate, de modo que demais autores se refiram a ele, como um ponto de partida para realizarem novas contribuições por isso confiamos tanto no número de publicações como um indicador de liderança. Se esta dinâmica se configura, significa que há a presença de um programa de pesquisa objetivo, cuja direção é, precisamente, apontada por este autor de referência, o líder. Isso coaduna-se com a descrição de Thomas Kuhn (2011) da chamada ciência normal. A ciência normal é a utilização de um paradigma – que pode ser comparado a uma escola de pensamento – para a resolução de problemas que estão no foco da

²³ Para uma lista completa com todos os artigos estudados para esta análise ver ANEXO IV.

ciência a ser considerada. Isso é tão importante na obra de Kuhn que a própria definição de ciência madura inclui o fato de que nela se pratique a tal ciência normal.

Nossa forma para identificar a presença de liderança, através de nosso critério, será a leitura de cada um dos 33 artigos relevantes. Buscaremos citações entre integrantes do núcleo, aptas a caracterizar algum tipo de colaboração intelectual. Coletadas essas citações, que serão caracterizadas entre positivas e negativas, conforme a perspectiva da construção de um programa de pesquisa.

Esperamos, assim, chegar a figura de um líder. Ou seja, a personalidade mais citada positivamente dentro de um assunto, que norteie a produção, sendo capaz de minimamente auxiliar na construção de um programa de pesquisa razoavelmente coeso e objetivo (critério 6 das escolas de pesquisa).

Para tanto, a seguir, definiremos cada *cluster* a partir da utilização do "*Dicionário do pensamento Marxista*" editado por Tom Bottomore (2002). Feito isso, na síntese da análise qualitativa, indicaremos a dinâmica entre os *clusters*, ou seja como os autores se relacionam, a fim de oferecer um parecer sobre a existência de figura de um liderança.

4.3.1. Moeda

Por Moeda rotulamos as discussões que abarquem três conceitos da economia marxista, conforme o Dicionário do pensamento marxista nos indica: Dinheiro (2002, p.107-108), Crédito e capital fictício (2002, p.81-83) e Capital financeiro (2002, p.47-50). A leitura destes três conceitos indica que é aceitável juntá-los sob o nome de moeda, uma vez que todos, de alguma forma, oferecem subsídios analíticos para estudar elementos do sistema monetário. Por isso, o nome "moeda" foi adotado, na falta de um nome melhor. Na realidade ele é especialmente útil, na medida em que, grosso modo, todos os trabalhos estudam, ou estão embasados, em uma definição de moeda da economia marxista.

4.3.2. Valor

O Dicionário do Pensamento Marxista (2001, p.397 - 400) caracteriza o valor como: "[...] o mais controverso no conjunto de sua obra. É universalmente condenado pelos não-marxistas como fontes de graves erros lógicos". Isto resume perfeitamente o arranjo deste *clusters*, que é composto pelas diferentes interpretações sobre a necessidade da lei do valor, as críticas e defesas da interpretação marxista do valor e as aplicações da "lei do valor" no raciocínio marxista (para trabalhar questões como o problema da transformação dos preços de produção, mais valia, lucro e até mesmo a acumulação capitalista).

4.3.3. Conjunto

Um artigo selecionado foi classificado como Conjunto quando seu conteúdo poderia ser classificado em mais de uma categoria. Por exemplo, o artigo "O dinheiro como forma do Valor" de Gentil Corazza (2001), pertence tanto a categoria de moeda, por discutir o que é dinheiro, como a categoria de valor, pois a definição do que seria dinheiro esta interligada a sua interpretação sobre o valor. Sendo assim, este *cluster* engloba todas as combinações de todos os temas. Por isso, dado que os outros dois *cluster* escolhidos eram moeda e valor, nossa análise ficou restrita somente a 7 dos 14 artigos classificados dessa forma. Ou seja, aqueles que poderiam ter sido simultaneamente classificados como moeda e/ou valor.

4.3.4. Síntese da análise qualitativa

Após a leitura criteriosa de todos os artigos relevantes destes *clusters*, 33 , em busca de citações entre os autores endereçados no núcleo de relevância, podemos afirmar que não há a presença de um líder que possa confirmar as hipóteses 2 e 3 de modo a classificar a existência de qualquer comunidades que influencie na elaboração do conteúdo analisado. Justificamos nossa posição com base no fato de que **nenhum** destes 33 artigos se utiliza, de maneira positiva e

organizada, de qualquer conteúdo elaborado por outros indivíduos de integrantes do cerne de relevância. Isto é, nenhum dos trabalhos guia-se pelo trabalho de outrem, de modo direto, com o intuito de agregar ao seu próprio alvitre. Além disso, não se observa, claramente, uma grande questão a ser defendida que relacione os autores de modo horizontal, cognitivo, capaz de suplantar a ausência de uma figura de liderança na organização do conteúdo

Pelo contrário, a citação entre os membros só é realizada de modo negativo, no sentido de crítica às interpretações do autor, ou referencial (neutra), que significa a simples menção ao trabalho de outrem, sem qualquer tipo de apropriação do conteúdo e discussão mais detida. Como consequência, não há um programa de pesquisa coeso, em que se persiga um objetivo comum a todos. Falta foco em uma grande questão, ou até mesmo em um problema mais específico, especialmente de ordem prática e aplicada.

Assim, posto que os principais componentes da criatividade coletiva fazem-se ausentes, advogamos ser inviável articular qualquer análise contornada pela abordagem das comunidades intelectuais.

Todavia, as arrefecidas relações que se desenvolvem não deixam de estar imersas em algum contexto. É possível identificar a existência de um debate sobre estes temas analisados. Sua tônica centraliza a busca pela interpretação mais apropriada, ou correta, da teoria estritamente econômica de Marx, dadas as transformações do capitalismo contemporâneo. O principal subterfúgio, comum a estas contendas, são investigações rigorosas de O Capital, por vezes exaustivas, intensas e com pouca originalidade, pois não é raro encontrar artigos cujo conteúdo seja predominantemente resenhístico. Nossa posição é suplantada pelo fato de que são ainda mais raros trabalhos dedicados à alguma questão de ordem mais pragmática.

Nesse retrospecto, é notável a atuação da revista da SEP como o grande locus da discussão, no qual diversas visões sobre a definição de dinheiro na teoria marxista são vinculadas, evidenciando a ausência de um favorecimento institucional. Outra característica importante observada foi a extrema internacionalização dos trabalhos que se referiam estritamente a teoria do valor, uma vez que o referencial utilizado era em sua grande maioria de origem estrangeira. Por outro lado, cremos que esse é um dos fatores que contribui para o isolamento dos trabalhos.

4.4. CONSIDERAÇÕES SOBRE O ARRANJO INTELECTUAL DO GRUPO DE INTERLOCUTORES DE MARX

Nossa diligência empírica de testar as três hipóteses de Forget & Goodwin (2011) mostra aspectos fundamentais da disposição do conhecimento científico tratado em nosso material selecionado. Por isso, delimitamos este panorama como o arranjo intelectual do grupo de interlocutores de Marx.

Advogamos que os maiores interlocutores de Marx, autores presentes no núcleo que mais concentra artigos e autores, encontram-se, de fato, marginalizados na disciplina. Isto se dá principalmente pela pouca participação que seus artigos tem no universo de publicações. Ao mesmo tempo, os mesmos contam com algum tipo de poder institucional oriundo da Sociedade Brasileira de Economia Política (SEP).

Ao mesmo tempo, inexistente qualquer esforço coletivo de sucesso nos maiores *clusters* de discussão (local mais provável que isto ocorresse). Dentro deste conjunto específico, não há a figura de um líder com poder de coesão intelectual, ou de um mote intelectual, capaz de afixar a produção científica em torno de um programa de pesquisa objetivo, de modo a torná-la minimamente coerente. O que predomina, na realidade, é o relacionamento com base na polêmica, que não rende avanços substantivos no desenvolvimento de seu conhecimento específico, uma vez que permanece o debate sobre fatores estritamente teóricos. Permanece difícil destacar qualquer esforço para a realização de pesquisas aplicadas, voltadas para a prática no sentido de Coutinho (2007); com exceção de pouquíssimos trabalhos.

Não obstante, é possível fornecer possíveis razões para a inexistência de uma figura de liderança. Uma delas, ao que parece, consiste na brutal desconexão que existe entre este tipo de conhecimento contemporâneo, veiculado nos periódicos, com aquele no período do pós guerra. Isso se justifica no fato de que os *clusters* relativos ao núcleo autoral, especialmente os mais significativos, em nada se relacionam às discussões deste período. Tampouco os principais *clusters* fazem menção a qualquer um dos autores, ou temas trabalhados no período. Caio Prado e seus correlatos foram resignados aos confins do esquecimento, no sentido de que partilhavam de um mote intelectual. A influência de partidos políticos, porém, também parece ter sido completamente eliminada, pois discute-se a teoria pela

necessidade de se compreender o capitalismo face a suas transformações. Contudo, ainda no sentido atribuído por Coutinho (2007), a falta de pragmatismo, pela ausência de trabalhos que tratem sobre temas aplicados, permanece uma constante. Em uma leitura a lá Coutinho, isso nos sugere, pois, uma interpretação para a contínua inocuidade desta forma de pensar, agora travestida na ausência de uma criatividade coletiva.

Acreditamos que a quebra de geração, descrita acima, está fortemente relacionada tanto ao período de censura e perseguição da ditadura militar, como ao caráter pouco acadêmico do marxismo no pós-guerra - um agravante para a reprodução de qualquer tipo de conhecimento científico. Embasamos nosso argumento no fato de que, em uma consulta realizada ao currículo lattes de todos os autores do núcleo autoral, encontramos a tendência geral de que seu doutorado, se realizado no Brasil, tenha sido defendido a partir de 1985. Especialmente, somente Reinaldo Carcanholo foi orientado por um autor ligado à produção do marxismo no pós guerra, Rui Mauro Marini. Contudo, isto se sucedeu além das fronteiras brasileiras, na *Universidade do Chile*.

Assim, acreditamos que a soma destes fatores comprometeu definitivamente a reprodução deste tipo de conhecimento. Especialmente a falta de periódicos bem conceituados destinados a esse tipo de conhecimento, torna ainda mais difícil o surgimento de uma figura de liderança, ou a criação de um norte cognitivo, que seja, capaz de orientar e projetar seus relacionados, uma vez que o espaço e os incentivos são muito restritos.

Ainda assim, é difícil explicar, *a priori*, para a não utilização de moles intelectuais moldados por Caio Prado, por exemplo, para uma pesquisa coletiva voltada para a compreensão do capitalismo na América latina. Ainda mais quando se conta com algum poder institucional, a SEP. Sobretudo, observou-se até mesmo algum tipo de inserção em periódicos de destaque como a Revista de Economia Política, Estudos Econômicos e Revista da ANPEC, o que demonstra tanto qualidade das pesquisas, como possibilidade de inserção em periódicos bem conceituados.

Isso chega a ser ainda mais curioso quando nos atentamos ao fato de que figuras importantes para o marxismo no pós guerra, como Theotônio dos Santos e Paul Singer participaram tanto na inauguração como na gestão da instituição. Além disso, conforme disponível no endereço eletrônico da SEP, a maioria dos autores

com trabalhos analisados no estudo qualitativo, salvo as exceções de Francisco Cipolla e Alfredo Saad Filho, também se encontram presentes no quadro administrativo da instituição, até mesmo ocupando cargos de diretoria.

É salutar frisar que, conforme a abordagem das comunidades científicas nos mostrou, não existira local mais apropriado do que os temas mais discutidos no núcleo dos principais autores para o surgimento de algum tipo de colaboração intelectual de sucesso.

O que constatamos, portanto, é que o arranjo intelectual destes autores não partilha de nenhuma criatividade coletiva, nem constitui uma comunidade intelectual exitosa. Isto se justifica pelo insucesso do teste das hipóteses de Forget & Goodwin (2011) e, por conseguinte, pela carência de relação com as características-chave descritas no capítulo dois para os tipos de colaboração intelectual.

Posto isso, é razoável afirmar que, no contexto da produção de periódicos, esta forma de pensar permanece inócua. Isto é, ela não é capaz tanto de contagiar a disciplina como outras comunidades estudadas na história do pensamento econômico fizeram frente aos demais pares de sua disciplina, tanto como no sentido atribuído por Coutinho (2007), da mesma forma como seus antecessores do PCB durante o debate socialista do pós-guerra, ao contrário das "raras exceções relevantes", também discutidas por Coutinho

Desta forma, depreendemos que o aglomerado dos diversos autores e seus minguentes debates consistem, na realidade, somente a um arranjo intelectual, formado por um grupo muito disperso e heterogêneo de interlocutores de Marx, muito aquém dos moldes de colaborações intelectuais exitosas discutidas no capítulo 2.

5. CONCLUSÃO

Neste trabalho procuramos utilizar a abordagem das comunidades intelectuais para explicar a configuração da utilização de Marx em periódicos especializados em economia. Procuramos, em primeiro lugar, mostrar a importância, assim como as possibilidades, de se utilizar esta nova abordagem na história do pensamento econômico, sobretudo com reinterpretações de histórias já contadas. Tornando-o, dessa forma, em um trabalho inédito no Brasil.

Em segundo lugar cumprimos nosso objetivo empírico de levantar o uso de Marx nos periódicos de economia, através da aplicação manual de técnicas bibliométricas. Nossa pesquisa sugere a existência de 112 artigos que se referem explicitamente a Marx em um universo de 7556 artigos pertencentes a 17 periódicos. Em seguida, com o auxílio de técnicas bibliométricas para selecionar o material mais impactante, e valendo-se de nosso referencial teórico, logramos em testar as três hipóteses básicas a respeito da existência de comunidades científicas.

Por fim, amparados em uma comparação com a organização do pensamento marxista dentro do pensamento econômico brasileiro a partir do pós guerra, apresentamos nossa interpretação para a ausência tanto de uma personalidade que exerça algum tipo de liderança, descritos pela abordagem das comunidades científicas, como para a inexistência de um mote intelectual amplo, igualmente importante para a coesão.

Defendemos que a ausência destes atributos explica a inexistência de um programa de pesquisa objetivo, muito embora o arranjo de interlocutores de Marx conte com qualidade teórica, precedentes intelectuais que dispunham de interpretações originais e, especialmente, com poder institucional devido a existência da Sociedade Brasileira de Economia Política. Instituição na qual a grande maioria dos principais autores dos trabalhos analisados fazem parte do corpo administrativo. Sugerimos que a inexistência de uma criatividade coletiva, que se faça valer dos precedentes históricos deste modo de pensar, por exemplo, pode advir tanto da quebra de geração acadêmica entre estes períodos, como do período de censura e perseguição política do país.

Devido as restrições de espaço e pela natureza deste trabalho, não foi possível realizar uma análise detalhada de todo o material, vários recortes foram

necessários e pautamos nossa análise no que chamamos de núcleo autoral, com a justificativa de ser o local mais provável que uma colaboração intelectual se manifestasse. Caso contássemos com uma maior disponibilidade de recursos, certamente faríamos uma análise mais detalhada de todo conteúdo encontrado, assim como uma investigação mais profunda sobre a genealogia acadêmica entre as duas gerações, dos marxistas do pós guerra e dos interlocutores de Marx nos periódicos de economia de 1990 a 2000.

No campo teórico também encontramos uma limitação de não dispor de uma explicação para ausência de uma figura de liderança, assim como de um mote intelectual; muito embora seja constatável a existência de condições que possibilitassem a organização de algum tipo de comunidade científica que fomentasse a colaboração intelectual.

Vale ressaltar, como nossa última contribuição, que embora não exista uma criatividade coletiva, este trabalho evidencia que existem condições importantes institucionais para que ela se desenvolva. Com isso, contornar a quebra de geração, sugerida neste trabalho, também parece possível. Uma das formas de fazê-la seria retomar coletivamente o que o grupo de marginalizados no marxismo do pós guerra tinha de melhor e original, como forma de criar tanto um programa de pesquisa, como um objetivo que guie o esforço coletivo. Isso possibilitaria tanto tornear este entrave histórico, como superar o legado da inocuidade, originado pela falta de trabalhos com conteúdo aplicado e preocupações pragmáticas, uma das poucas congruências observadas no conteúdo.

REFERÊNCIAS

BACKHOUSE, R. *The transformation of U.S economics 1920 - 1960, Viewed through a Survey of Journal Articles*, **History of Political Economy** n° 30 (suplemento), p. 85-107. 1998

_____. **A história da economia mundial**, São Paulo: Estação Liberdade, 2007

BIELCHOWSKY, R. **Pensamento Econômico Brasileiro: o ciclo ideológico do desenvolvimentismo**. 3° edição Rio de Janeiro, 1996.

BORSCHIVER, S.; GUEDES, V. L. S. Bibliometria: uma ferramenta estatística para a gestão da informação e do conhecimento, em sistemas de informação, de comunicação e de avaliação científica e tecnológica IN: VI CINFORM Encontro Nacional da Ciência da Informação, 2005, Salvador. **Anais do CINFORM VI**, 2005.

BOTTOMORE, T. **Dicionário do pensamento Marxista** Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed. 2001

CARCANHOLO, R & NAKATANI, P. O capital especulativo parasitario uma precisão teorica sobre o capital financeiro, característico da globalização. **Ensaio FEE**, v:20, n. 1, p.284-304, 1999

CARCANHOLO, R. O capital especulativo e o desmaterialização do dinheiro **Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política**, Ano 6, nº 8 pp. 26-45, 2001.

_____. Sobre a natureza do dinheiro em Marx. **Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política**, Ano 5, nº 11. pp. 33-37., 2002.

_____ Oferta e Demanda e o valor em Marx. **Revista da Sociedade Brasileira de economia Política** n° 20, p. 98-118. 2007

CARCANHOLO, R & SABADINI, L. Capital fictício e lucros fictícios. **Revista Soc. Bras. Economia Política**, n° 24, p. 41-65, junho 2009

CIPOLLA, F, P. Valor de mercado, preço de mercado e o conceito de mais valia extraordinária **Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política** N° 12, p. 87-106, 2003

_____ contribuição para uma crítica marxista da teoria da preferencia pela liquidez. **Revista de Economia UFPR**, v. 32, N°2 (ano 30), p. 95-111. 2006

CIPOLLA, F, P. & AQUINO, D. O capital fictício e a crise imobiliária. **Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política** N° 23 p. 7-25. 2008

CORAZZA, G. O dinheiro como forma do valor. **Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política**, n° 11, p. 28-32, 2001.

COUTINHO, M Incursões Marxistas Em SZMERECSÁNYI, T. COELHO, F. S; GREMAUD, A.P **Ensaio de história do pensamento econômico brasileiro**, São Paulo, Atlas, 2007.

FARRELL, M. P, **Collaborative Circles: Friendship & Creative work**, The university of Chicago Press, 1° edição, 2001.

FORGET, E L & GOODWIN, C D *Intellectual Communities in the History of Economics*, **History of Political economy** 43:1, p 1-23. 2011

GEISON, G.L, *Scientific Change, Emerging Specialties and Research Schools*, **History of Science**, 19:43, p 20-40, 1981

- GERMER, C. A teoria do Marx sobre o dinheiro e o dinheiro de Crédito
Revista de Economia UFPR N°17, V. 19 p.97-122. 1993
- _____. O sistema de crédito e o capital fictício. **Ensaio FEE**. 179-201, 1994
- _____. Economia monetária ou economia capitalista Marx e Keynes sobre a natureza do capitalismo **Estudos Econômicos** V.26 N° Especial, p.51-81, 1996
- _____. Componentes estruturais da teoria do dinheiro no capitalismo, **REVISTA Da Sociedade Brasileira de Economia Política**, n° 1 p.106-133. 1998
- _____. Dinheiro e dinheiro de crédito no capitalismo avançado **Ensaio FEE**, v22, n1. p.205-228. 2001
- _____. Elementos para uma crítica marxista do conceito de padrão-ouro. **Estudos Econômicos**, v. 29, n. 4, p. 575-600. 2001
- _____. C. Fundamentos teóricos da análise marxista do sistema monetário internacional **Revista Análise Econômica**, Ano 20, N° 38 p163-185. 2002
- _____. O caráter de mercadoria do dinheiro segundo Marx - uma polémica **REVISTA da Sociedade Brasileira de Economia Política**. N° 11, p 5-27, 2002
- _____. Receita Pública e Circulação Monetária na Teoria de Marx. **Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política**, ano 11, n.25, pp. 5-31, , 2009.
- _____. O capital bancário e a indústria na teoria de Marx, **Análise Econômica**, ano 28, n. 53, p. 129-158 2010

GONTIJO, C. A lei do valor em condições de produção conjunta **Revista Brasileira de Economia** V. 48 N° 3, p.389-98. 1994

_____ A nova solução do problema da transformação do valor em preços e o Marxismo **Revista ANPEC** V 7, N° 2, p.s .225-248. 2006

_____ A transformação de valores em preços segundo o sistema temporal único uma apreciação crítica **Revista ANPEC** V. 9, N° 1 p.215-243. 2008

_____ O valor-trabalho como fundamento dos preços. **Economia e Sociedade** V. 18, N° 3(38) p.493-511 2009

GOODWIN, D. *History of Economic Thought*. em DURLAUF.S; BLUME, L. **The New Palgrave Dictionary of Economics**, New York: Palgrave Macmillan, 2008

_____, *The Bloomsbury as a creative community*, **History Of Political Economy**, 43:1, p.59-82 , 2011

KONDER, L. **Intelectuais Brasileiros & Marxismo** Oficina de livros, Belo Horizonte, 1991.

KUHN, T.A **Estrutura das Revoluções Científicas**, 11°ed São Paulo: Perspectiva, 2011.

MANTEGA, G. **A Economia Política Brasileira**, Editora Vozes, Petrópolis, 6 edição, 1991

MEDEMA, *Public choice and the notion of creative communities* **History Of Political Economy**, 43:1, p.59-82 , 2011

MOLLO. M, L A relação entre moeda e valor em Marx **Revista de Economia Política** v11, n° 2(42), 1991

_____ Valor e moeda em marx: crítica da crítica **Revista de Economia Política** v13, n° 3 (51) 1993

_____ A importância analítica da moeda em Keynes e Marx **Análise Econômica**, v. 16 n° 29, 1998

MORREL, J.B, *The Chemist Breeders: the research schools of Liebig and Thomas Thonson*, **ABMIX**, 19:1, 1972

PAULA, J.A A dialética valores e preços **Revista de economia política** Vol 20, n° 4(80) , p116-136. 2000

PAULANI, L. Sobre dinheiro e valor uma crítica as posições de Brunhoff e Mollo. **Revista de Economia Política** V 14, N° 3 (55) 67-77 1994

PAULANI, L. & ROTTA, T. A teoria Monetária de Marx Atualidades e Limites frente ao capitalismo contemporâneo **Revista ANPEC** v.10, n.3 p.609-633 2009

PAULANI, L & MÜLLER, Símbolo e signo: o dinheiro no capitalismo contemporâneo. **Estudos Econômicos** . vol 40 no.4, p. P. 793-817 c. 2010

PRITCHARD, A. Statistical bibliography or bibliometrics? **Journal of Documentation**, [s. l.], v. 25, n.4, p. 348-349, Dec. 1969

SAAD. A. F Valores e preços de produção uma releitura de Marx **Análise econômica** V.19, N° 36 p. 5-24. 2001

_____ Interpretação da teoria marxista do valor: uma revisão da literatura **Estudos Econômicos** V.31 N. 3, p.495-527 2001

_____ Teoria Marxista do Valor: uma introdução **Análise Econômica** V.21 N° 21 p159 -177. 2003

SINGER, P. **Desenvolvimento e Crise**, CAP 6 e 7, 2ª edição Rio De janeiro, Editora Paz e terra, 1977

ANEXO I - LISTA COMPLETA DOS ARTIGOS SELECIONADOS

A seguir reproduzimos a lista dos 112 artigos encontrados conforme os critérios bibliométricos adotados. A lista indica, primeiramente, o nome do(s) autore(s) seguido pelo título em negrito.

1. Luiz Augusto Estrela Faria, Jose Ricardo Tauile **A acumulação produtiva no capitalismo contemporâneo**
2. Glauca Angélica Campregher, **A centralidade do trabalho que interessa -**
3. Maria de Lourdes Rollemberg Mollo , **A concepção Marxista de Estado Considerações sobre antigos debates com novas perspectivas**
4. André Guimarães Augusto, **A dessubjetivação do trabalho o homem como objeto da tecnologia**
5. Paulo Balanco, **A dialética da globalização e a supressão do pré-capitalismo**
6. João Antonio de Paula, **A dialética valores e Preços**
7. José Raimundo Trindade, **A dinâmica dos gastos estatais numa perspectiva marxista clássica**
8. Julio Manuel Pires, Iraci de Nero da Costa, **A fórmula do capital escravista Mercantil**
9. Maria de Lourdes Rolemberg Mollo, **A importancia analítica da moeda em Keynes e Marx**
10. Claudio Gontijo **A lei do valor em condições de produção conjunta - valor**
11. Dayani Cris de Aquino, **A lei geral da acumulação capitalista e a teoria de crise baseada escassez de força de**
12. Iraci del Nero da Costa , José Flávio Motta , , **A mercadoria força de trabalho, o capitalismo e a emergência de uma nova forma de sociabilidade humana**

13. Claudio Gontijo, **A nova solução do problema da transformação do valor em preços e o Marxismo**
14. Rodrigo Alves Teixeira, **A produção capitalista do conhecimento e o papel do conhecimento na produção capitalista**
15. Paulo Nakatani, **A questão metodológica na discussão sobre a centralidade do trabalho**
16. Paulo Sergio Fracalanza, **A redução de jornada de trabalho em Marx por que falham as previsões novo keynesianas sobre o impacto dessa medida**
17. Bouzid Izerrougene, **A relação capital trabalho na economia do conhecimento -**
18. Maria de Lourdes Rollemberg Mollo, **A relação entre moeda e valor em Marx**
19. Vânia Lomônaco Bastos , **A teoria do capitalismo monopolista revista**
20. Claus Germer, **A teoria do marx sobre o dinheiro e o dinheiro de Crédito**
21. Leda Maria Paulani, Tomas Nielsen Rotta, **A teoria Monetária de Marx Atualidades e Limites frente ao capitalismo contemporâneo**
22. Claudio Gontijo, **A transformação de valores em preços segundo o sistema temporal único uma apreciação crítica**
23. Luiz Augusto Estrela Faria, Jose Ricardo Tauile, **A transformação do capitalismo contemporâneo e sua natureza na análise de Marx**
24. Marcelo dias Carcanholo, Marisa Silva Amaral, **Acumulação capitalista e exército industrial de reserva: conteúdo da superexploração do trabalho nas economias dependentes**
25. Jose Mauricio Silvestre, Roberto Balau Calazans, **Alienação, fetichismo e valor fundamentos ontologicos**
26. Joao Antonio de Paula, **Aparencia e Realidade capitalisda o lugar da concorrência na dinâmica do capital**
27. Benedito Rodrigues de Moraes Neto, **As forças produtivas em Marx e o surpreendente século XX**
28. Otto Ohlweiler, **As formas diferenciadas de capitalismo e a lei do valor**

29. Ronaldo Herleinn, , **As mediações para uma consideração especial da concorrência a partir de Marx**
30. João Machado Borges neto, **As várias dimensões da Lei do valor**
31. Benedito Rodrigues de Moraes Neto, **Automação e trabalho: Marx igual a Adam Smith**
32. Rodrigo Alves Teixeira, **Capital e colonização a constituição da periferia do sistema capitalista mundial**
33. Reinaldo A. Carcanholo, Mauricio de S. Sabadini, **Capital fictício e lucros fictícios**
34. Reinaldo Carcanholo, **Capitalismo contemporâneo e trabalho produtivo**
35. Eduardo Albuquerque, **Causa e efeito: contribuições de Marx para investigações sobre finanças e inovação**
36. Henrique Amorin, **CLASSES SOCIAIS E SUBJETIVIDADE PROLETÁRIA NO DEBATE SOBRE O TRABALHO IMATERIAL**
37. Claus Germer, **Componentes estruturais da teoria do dinheiro no capitalismo**
38. Vanderleia Centenaro, **Considerações sobre modificações no processo de trabalho**
39. Julio Manuel Pires, Iraci de Nero da Costa, **Considerações sobre o capital escravista-mercantil**
40. Francisco Cipolla, **contribuição para uma crítica marxista da teoria da preferência pela liquidez**
41. João Antonio de Paula, **Determinismos e Indeterminismos em Marx**
42. Valdemir Pires, **Determinismos e possibilismos na teoria marxista do estado**
43. Marcelo Dias Carcanholo, **Dialética do desenvolvimento periférico**
44. Claus Germer, **Dinheiro e dinheiro de crédito no capitalismo avançado.**
45. Claus Germer, **Economia monetária ou economia capitalista marx e keynes sobre a natureza do capitalismo**
46. Gentil Corazza, **Economia Nacional e Capitalismo: um enfoque histórico-metodológico**

47. Pedro Antonio Vieira, Helton Ricardo Ouriques, **Elementos para uma crítica da centralidade do trabalho**
48. Claus Germer, **Elementos para uma crítica marxista do conceito de Padrão-Ouro**
49. João Paulo de Souza, **Entre o sentido da colonização e o arcaísmo como projeto: a superação de um dilema através do conceito de capital escravista-mercantil**
50. Joanílio Rodolpho Teixeira , **Esquemas de reprodução e o processo de acumulação de capital**
51. João Antonio de Paula, Hugo Cerqueira, Eduardo Albuquerque, **Financial and industrial evolution: introductory note on a key relationship for the capitalist accumulation**
52. Eleutério Prado, **Formação de preços como processo complexo**
53. Claus Germer, **Fundamentos teóricos da análise marxista do sistema monetário internacional**
54. Eleutério Prado, **Geração Adoção e Difusão de técnicas de produção um modelo baseado em Marx**
55. Francisco Cibari Neto, **Heterogeneidade do trabalho e taxa de lucro em Marx**
56. Marcos Dantas, **Informação como trabalho e como valor**
57. Alfredo Saad Filho, **Interpretação da teoria marxista do valor: uma revisão da literatura**
58. Francisco Cipolla, **Lei fundamental da concorrência capitalista e critério de adoção de novas técnicas**
59. José Valenzuela Feijóo, **Mais-valia, acumulação e estagnação - capitalismo e trabalho**
60. Aloísio Teixeira, **Marx e a Economia política crítica como conceito**
61. Ester Vaisman, **Marx e a Filosofia: elementos para a discussão ainda necessária - metodologia**
62. Claus Germer, Divonzir Lopes Neto, **Marx e o problema dos custos de circulação como dedução da mais-valia**
63. Mario Duayer, João Leonardo Medeiros, **Marx, estranhamento e emancipação: o caráter subordinado da categoria da exploração na análise marxiana da sociedade do capital**

64. Roberto Guena de Oliveira, **Marx: contradição e Metafísica**
65. Fernando Macari Lara, **Mercadoria e forma do valor notas sobre dinheiro em Marx**
66. Mario Duayer, João Leonardo Medeiros, **Miséria brasileira e macrofilantropia: psicografando Marx**
67. Benedito Rodrigues de Moraes Neto, **Notas sobre Marx e o processo de trabalho no final do século**
68. Francisco Paulo Cipolla, **Notas sobre o problema da relação entre a taxa de lucro e o número de rotações do capital**
69. João Antonio de Paula, **O "Outubro" de Marx**
70. Claus Germer, **O capital bancário e a indústria na teoria de Marx**
71. Claus Germer, **O Capital de Marx como expressão de um método inovador**
72. Reinaldo Carcanholo, **O capital especulativo e o desmaterialização do dinheiro**
73. Reinaldo Carcanholo, Paulo Nakatani, **O capital especulativo parasitário uma precisão teórica sobre o capital financeiro, característico da globalização**
74. Francisco Paulo Cipolla , Dayani Cris de Aquino , **O capital fictício e a crise imobiliária**
75. Claus Germer, **O caráter de mercadoria do dinheiro segundo Marx - uma polêmica**
76. João Antonio de Paula, **O conceito de capital no mundo contemporâneo**
77. Gentil Corazza, **O dinheiro como forma de valor**
78. André Guimarães Augusto, **O fim da centralidade do trabalho?**
79. João Antonio de Paula, **O marxismo como pensamento crítico**
80. Leda Maria Paulani, **O papel da força viva de trabalho no processo capitalista de produção -**
81. Rosa Maria Marques, **O papel do mercado na economia socialista; a leitura de Nove, Mandel e Elson**
82. Benedito Rodrigues de Moraes Neto, **O percurso teórico da abolição do trabalho'(ou da superação da angústia smithiana) em Marx: avanços e recuo**

83. João Antonio de Paula, **O reino do capital**
84. Claus Germer, **O sistema de crédito e o capital fictício em Marx - moeda**
85. Gentil Corazza, **O todo e as partes uma introdução ao método da economia política**
86. Claudio Gontijo, **O valor-trabalho como fundamento dos preços.**
87. Benedito Rodrigues de Moraes Neto, **Observações sobre os Grundrisse e a História dos processos de trabalho**
88. Reinaldo Carcanholo, **Oferta e demanda e o valor em Marx**
89. Andre Guimarães Augusto, **Ontologia e crítica o método em**
90. João Machado Borges Neto, **Por que o duplo caráter do trabalho é o “ponto crucial em torno do qual gira a compreensão da Economia Política”?**
91. Marcelo Dias Carcanholo, **Pretensões e inconsistências da crítica ricardiana à lei da queda tendencial da taxa de lucro**
92. Alain Hersovic, **Processo de gravitação e Revolução do Valor**
- Algumas observações metodológicas e epistemológicas**
93. Claus Germer, **Receita pública e circulação monetária na teoria de Marx**
94. Elivian Rosas Ribeiro, Márcio Micell, **Reestruturação produtiva e intensificação do processo de globalização: uma revolução da concepção do trabalhador coletivo em Marx**
95. Livio Andrade Wanderley, **Reprodução do capital e novas tecnologias um enfoque MANDELIANO**
96. Alfredo Saad Filho, **Rereading both Marx and Heagel the new dialethics and the method of capital**
97. Alfredo Saad Filho, **Salários e exploração na teoria marxista do valor.**
98. Rosa Maria Marques, **Sera a presente crise o crepúsculo de um ciclo unificado de valorização assentado na dominação do capital industrial?**
99. Leda Maria Paulani, Leonardo André Paes Muller, **Símbolo e signo: o dinheiro no capitalismo contemporâneo**
100. Reinaldo Carcanholo, **Sobre a natureza do dinheiro em Marx**
101. Leda Maria Paulani, **Sobre dinheiro e valor uma crítica as posições de Brunhoff e Mollo**

102. César Ricardo Siqueira Bolão, **Sobre intelecto geral, capital, comunicação e conhecimento: uma leitura dos Grundrisse**
103. Gilberto Tadeu Lima, **Sobredeterminação em uma teoria marxiana da Moeda**
104. Carlos Eduardo Martins, **Superexploração do trabalho e acumulação de capital: reflexões teórico-metodológicas para uma economia política da dependência**
105. Alfredo Saad Filho, **Teoria Marxista do Valor: uma introdução**
106. Paul Cooney, **Uma avaliação empírica da lei geral da acumulação capitalista no período atual de globalização neoliberal**
107. Francisco Paulo Cipolla , **Valor de mercado, preço de mercado e o conceito de mais valia extraordinária**
108. Francisco Cipolla, **Valor e concorrência em Marx e os vários equívocos da crítica de Schumpeter**
109. Maria de Lourdes Rollemberg Mollo, **Valor e moeda em marx: crítica da crítica**
110. Rogério Antonio Lagoeiro de Magalhães, **Valor, Essencia e aparência o conceito de mais valia extraordinária**
111. Alfredo Saad Filho, **Valores e preços de produção uma releitura de Marx**

ANEXO II - INFLUÊNCIA DE PERIÓDICOS POR QUALIS.

A seguir exibimos a influência de cada periódico dentro de seu Qualis. As informações foram agregadas por séries temporais. Para cada periódico foi construída uma série correspondente aos anos 1990 e outra para os anos 2000. Estas séries totalizam o número de artigos selecionados e o número de artigos publicados.

TABELA 8 - PUBLICAÇÕES SELECIONADAS NAS REVISTAS B1

Revista	Nº total de Artigos	Nº de Artigos*	Proporção relativa de Artigos* na revista	Proporção de Artigos* no Qualis
ESTUDOS ECONOMICOS 90	217	9	4%	22%
ANPEC00	261	7	3%	17%
ESTUDOS ECONOMICOS 00	302	8	3%	20%
REVISTA DE ECONOMIA POLITICA 90	284	6	2%	15%
NOVA ECONOMIA 00	158	2	1%	5%
REVISTA DE ECONOMIA POLITICA 00	408	5	1%	12%
REVISTA BRASILEIRA DE ECONOMIA 90	205	2	1%	5%
ECONOMIA E SOCIEDADE 00	369	2	1%	5%
ECONOMIA APLICADA 97	75	0	0%	0%
ECONOMIA APLICADA 00	311	0	0%	0%
NOVA ECONOMIA 91	88	0	0%	0%
PESQUISA & PLANEJAMENTO 90	196	0	0%	0%
PESQUISA & PLANEJAMENTO 00	178	0	0%	0%

REVISTA BRASILEIRA DE ECONOMIA 00	269	0	0%	0%
ECONOMIA E SOCIEDADE 92	84	0	0%	0%
TOTAL B1	3405	41	1%	

FONTE: O autor (2013)

Conforme a tabela 8, os artigos selecionados, cujo peso relativo supera 1%, estão concentrados em apenas 4 séries, que correspondem a 3 periódicos, distribuídas igualmente entre os anos 90 e o começo dos anos 2000, que concentram 64% das publicações da classificação B1, as mais bem pontuadas.

Por outro lado, se observarmos do ponto de vista de participação em relação ao próprio Qualis 6 séries concentram 90% das publicações. Estas séries contem 4 revistas sendo que a maioria de 4 é localizada no ano de 2000 a 2010.

É de se sublinhar que a o periódico mais importante é, sem duvida, a revista Estudos Econômicos, pois concentra a maioria das publicações relevantes tanto nos anos 90, como nos anos 2000. Isso significa que existe uma certa consistência em sua publicação, podendo indicar algum tipo de colaboração intelectual. Outro fator de destaque é a proeminência da revista da ANPEC a veiculação deste tipo de publicação, dado o contexto que temos mostrado de extrema marginalização.

TABELA 9 - PUBLICAÇÕES SELECIONADAS NAS REVISTAS B2

Revista	Nº total de Artigos	Nº de Artigos*	Proporção relativa de Artigos*	Proporção de Artigos * no Qualis
ANALISE ECONOMICA 00	231	9	4%	69%
REVISTA DE ECONOMIA CONTEMPORANEA 00	194	2	1%	15%
ANALISE ECONOMICA 90	135	2	1%	15%
PLANEJAMENTO E POLÍTICAS PÚBLICAS 00	106	0	0%	0
PLANEJAMENTO E POLÍTICAS PÚBLICAS 90	116	0	0%	0
REVISTA DE ECONOMIA CONTEMPORANEA 97	26	0	0%	0
REVISTA ECONOMICA DO NORDESTE 00	416	0	0%	0
REVISTA ECONOMICA DO	248	0	0%	0

NORDESTE 90

TOTAL B3	1241	13	1%	1
----------	------	----	----	---

FONTE: O autor (2013)

A partir da Tabela 11 podemos observar que dentro do Qualis B2 há uma extrema concentração das publicações na revista Análise Econômica. Sendo que a única série que ultrapassa 1% de relevância pertence ao periódico. Sob o prisma da participação dos artigos selecionados por revista no qualis, a relevância do periódico se confirma, uma vez que a soma de suas séries temporais resulta em 84% dos artigos. Não podemos deixar de notar, porém, que a participação do Qualis b2 na amostragem total é muito pequena, conta somente com 13 seleções. Por exemplo, a revista Estudos Econômicos possui, isoladamente, mais publicações do que toda esta amostra.

TABELA - 10 PUBLICAÇÕES SELECIONADAS NAS REVISTAS B3

Revista	Nº total de Artigos	Nº de Artigos*	Proporção relativa de Artigos*	Proporção Artigos* em relação ao Qualis
REVISTA DA SEP 97	22	5	23%	9%
REVISTA DA SEP 00	113	20	18%	35%
ECONOMICA 99	12	1	8%	2%
REVISTA DE ECONOMIA UFPR 00	157	13	8%	23%
REVISTA DE ECONOMIA UFPR 91	57	2	4%	4%
ENSAIOS FEE 90	264	5	2%	9%
ECONOMICA 00	89	2	2%	4%
PESQUISA E DEBATE 00	136	4	3%	7%
PESQUISA E DEBATE 95	63	2	3%	4%
ENSAIOS FEE 00	286	3	1%	5%
TOTAL B4	1199	57	5%	100%

FONTE: O autor (2013)

A Tabela 10 representa, dentro da amostragem pelo Qualis, nossa maior amostra, pois contém 57 seleções, ao mesmo tempo ela consiste na amostra de menor tamanho, com o menor número de artigos totais (1199). Outra característica distinta é que somente nessa amostra as publicações não se mostram completamente concentradas em algumas poucas séries. Somente uma série, a correspondente aos Ensaios FEE dos anos 2000, possui uma proporção de 1% de artigos selecionados em sua revista. A revista mais importante do segmento é, sem dúvida. Porém, devemos prestar atenção ao fato de que algumas destas séries são muito pequenas em comparação com as demais. Por exemplo, a série dos anos noventa da revista Econômica conta somente com um número. A mesma característica é observada na Revista da Sep dos anos noventa, que conta somente com três anos.

ANEXO III - COMPARAÇÃO DA ATUAÇÃO DO NÚCLEO ENTRE O QUALIS B1 E B3

A seguir apresentamos uma comparação entre a participação dos artigos selecionados pelos autores do núcleo nas publicações do Qualis B1, B3 e do B3 ajustado, considerando todos os artigos da sep

TABELA 11 - PARTICIPAÇÃO DO NÚCLEO NOS QUALIS B1 E B3.

B1		%		B3		%		B3 ajustado		%	
Número total de artigos b1	39			Número total de artigos b3	78			Número total de artigos b3	78		
Número de artigos b1 Núcleo	24			Número de artigos b3 Núcleo	29			Número de artigos b3 Núcleo + sep completa	41		
Proporção (núcleo / total)	62			Participação (núcleo/total)	37			Participação (núcleo/total)	53		
	%				%				%		
Estudos Econômicos	8	33	%	Sep	13	45	%	Sep	25	61	%
REP	6	25	%	Economia UFPR	7	24	%	Economia UFPR	7	17	%
ANPEC	5	21	%	Pesquisa & Debate	4	14	%	Pesquisa & Debate	4	10	%
Economia e Sociedade	2	8	%	Ensaio fee	3	10	%	Ensaio fee	3	7	%
NOVA Economia	1	4	%	Econômica	2	7	%	Econômica	2	5	%
Revista Brasileira de Economia	1	4	%								

FONTE: O autor (2013)

A tabela 11 nos mostra como a participação das publicações dos autores do núcleo influenciou as publicações selecionadas em cada Qualis. Observa-se que a participação do núcleo nos artigos selecionados no Qualis B1 é maior, proporcionalmente, à participação do mesmo grupo no Qualis B3. Isso revela tanto qualidade das pesquisas desenvolvidas, como mostra que a SEP tem um poder

institucional que vai além do núcleo dos principais autores. Quanto a marginalização dos autores não se deve, estritamente, pelo fato de serem interlocutores de Marx, uma vez que uma proporção significativa dos principais autores influencia fortemente a inserção deste tipo de conhecimento em periódicos bem colocados. No mesmo sentido, se somarmos à presença do núcleo todos os demais artigos publicados na SEP, vemos que a quantidade de artigos selecionados permanece inferior, relativamente, à influência dos autores no Qualis B1. Isso significa que ela não comporta toda a produção destinada estritamente a Marx, o que reduz seu poder institucional.

ANEXO IV - DESCRIÇÃO DOS *CLUSTERS* ESTUDADOS

A seguir apresentamos uma lista de todos os artigos pertencentes aos cluster estudados. Aqueles classificados como conjunto são resultantes da combinação entre os clusters moeda e valor. Segue a lista que informa o Cluster ao qual o artigo pertence, seu título e seus autores.

1. Conjunto, **Economia monetária ou economia capitalista marx e keynes sobre a natureza do capitalismo**, Claus Germer;
2. Conjunto, **O dinheiro como forma de valor**, Gentil Corazza;
3. Conjunto, **A teoria Monetária de Marx Atualidades e Limites frente ao capitalismo contemporâneo**, Leda Maria Paulani, Tomas Nielsen Rotta;
4. Conjunto, **Sobre dinheiro e valor uma crítica as posições de Brunhoff e Mollo**, Leda Maria Paulani;
5. Conjunto, **A importância analítica da moeda em Keynes e Marx**, Maria de Lourdes Rolemberg Mollo;
6. Conjunto, **A relação entre moeda e valor em Marx**, Maria de Lourdes Rollemberg Mollo;
7. Conjunto, **Valor e moeda em marx: crítica da crítica**, Maria de Lourdes Rollemberg Mollo;
8. Moeda, **A teoria do marx sobre o dinheiro e o dinheiro de Crédito**, Claus Germer;
9. Moeda, **Dinheiro e dinheiro de crédito no capitalismo avançado**, Claus Germer;
10. Moeda, **Fundamentos teóricas da análise marxista do sistema monetário internacional**, Claus Germer;
11. Moeda, **Elementos para uma crítica marxista do conceito de Padrão-Ouro**, Claus Germer;
12. Moeda, **O sistema de crédito e o capital fictício em Marx**, Claus Germer;
13. Moeda, **Receita pública e circulação monetária na teoria de Marx**, Claus Germer;

14. Moeda, **Componentes estruturais da teoria do dinheiro no capitalismo**, Claus Germer;
15. Moeda, **O capital bancário e a indústria na teoria de Marx**, Claus Germer;
16. Moeda, **O caráter de mercadoria do dinheiro segundo Marx - uma polêmica**, Claus Germer;
17. Moeda, **Contribuição para uma crítica marxista da teoria da preferência pela liquidez**, Francisco Cipolla;
18. Moeda, **O capital fictício e a crise imobiliária**, Francisco Paulo Cipolla, Dayani Cris de Aquino;
19. Moeda, **Símbolo e signo: o dinheiro no capitalismo contemporâneo**, Leda Maria Paulani, Leonardo André Paes Muller;
20. Moeda, **Capital fictício e lucros fictícios**, Reinaldo A. Carcanholo, Mauricio de S. Sabadini;
21. Moeda, **O capital especulativo parasitário uma precisão teórica sobre o capital financeiro, característico da globalização**, **Reinaldo Carcanholo, Paulo Nakatani**;
22. Moeda, **O capital especulativo e o desmaterialização do dinheiro**, Reinaldo Carcanholo;
23. Moeda, **Sobre a natureza do dinheiro em Marx**, Reinaldo Carcanholo;
24. Valor, **Valores e preços de produção uma releitura de Marx**, Alfredo Saad Filho;
25. Valor, **Interpretação da teoria marxista do valor: uma revisão da literatura**, Alfredo Saad Filho;
26. Valor, **Teoria Marxista do Valor: uma introdução**, Alfredo Saad Filho
27. Valor, **O valor-trabalho como fundamento dos preços**, Valor moeda, Claudio Gontijo;
28. Valor, **A lei do valor em condições de produção conjunta**, Claudio Gontijo;
29. Valor, **A nova solução do problema da transformação do valor em preços e o Marxismo**, Claudio Gontijo;
30. Valor, **A transformação de valores em preços segundo o sistema temporal único uma apreciação crítica**, Claudio Gontijo;
31. Valor, **Valor de mercado, preço de mercado e o conceito de mais valia extraordinária**, Francisco Paulo Cipolla;
32. Valor, **A dialética valores e Preços**, João Antonio de Paula;
33. Valor, **Oferta e demanda e o valor em Marx**, Reinaldo Carcanholo;